



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

SARA ISABEL VERÓNICA FILIPE

O cuidado da “Casa Comum”
O contributo de EMRC para uma responsabilidade ecológica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Mestre Juan Ambrósio e Prof. Doutor Vítor Coutinho

Lisboa
2016

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAS	: Actae Apostolicae Sedis
Cf.	: Conferir
CV	: Carta Encíclica <i>Caritas in Veritate</i>
EB	: Escola Básica
Ed	: Edição
Ecl	: Livro do Eclesiastes
EG	: Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EMRC	: Educação Moral e Religiosa Católica
Gen	: Livro dos Génesis
LS	: Carta Encíclica <i>Laudato Si</i>
Nº	: Número
OCDE	: Organização para o desenvolvimento económico
P.	: Página
PES	: Prática de Ensino Supervisionada
1 Pe	: Primeira Carta de São Pedro
Sl	: Salmo
SNEC	: Secretariado Nacional de Educação Cristã
TEIP	: Território Educativo de Intervenção Prioritária
UCP	: Universidade Católica Portuguesa
VV.	: Versículos
Vol.	: Volume

Índice

Introdução	5
Capítulo I. Reflexão sobre a prática letiva	7
1. Caracterização da escola onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada.....	7
2. A turma onde se desenvolveu a PES.....	13
3. Análise da Unidade Letiva: Ecologia e Valores.....	17
4. Reflexão sobre a lecionação desta Unidade Letiva.....	19
5. Referências ecológicas no Programa 2014 de EMRC.....	22
6. Interrogações/questões acerca da Unidade Letiva.....	29
Capítulo II. A questão ecológica	32
1. O que está a acontecer à nossa “casa”.....	33
2. Raiz humana da crise ecológica.....	38
3. Possíveis estratégias de inversão da crise ecológica.....	43
Capítulo III. Fundamentação ético-teológica da responsabilidade ecológica	47
1. A sabedoria das narrações bíblicas.....	48
2. A ecologia nos documentos da Igreja Católica.....	60
3. A novidade da Encíclica <i>Laudato Si</i> , do Papa Francisco.....	64
4. A necessidade de uma ecologia integral.....	71
Capítulo IV. Princípios ecológicos na educação	74
1. O apelo a outro estilo de vida.....	74
2. A ecologia na perspetiva do cuidado.....	77

3. Educação e espiritualidade ecológicas.....	80
4. O contributo da disciplina de EMRC para uma ecologia integral.....	84
Conclusão.....	88
Bibliografia.....	91

Introdução

O presente Relatório de Prática de Ensino Supervisionada (PES) insere-se no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, especialização em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) da Universidade Católica Portuguesa.

Resultante da experiência e da vivência da PES e da reflexão teológica dos temas lecionados na disciplina de EMRC surgiu o tema deste trabalho- *O cuidado da “Casa Comum”: o Contributo de EMRC para uma responsabilidade ecológica*. Através dele, procuramos refletir a ecologia na perspetiva do cuidado e no contributo que a própria disciplina de EMRC confere à própria responsabilidade por este cuidado.

O presente trabalho está dividido por quatro capítulos e tem como principal objetivo a reflexão acerca do cuidado da “Casa Comum”, iluminados pela Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco, aplicando o conceito de Ecologia Integral, tão mencionado pelo Papa, também no aspeto educativo. Todo este trabalho demonstra ser apenas uma síntese daquilo que é o pensamento do Papa Francisco acerca da “Casa Comum” sem descurar, obviamente o seu caráter educativo.

Assim, no primeiro capítulo deste trabalho, procuramos refletir sobre a Prática Letiva da PES, onde se pode vislumbrar a caracterização da escola e da turma onde decorreu a mesma. Salientamos que a PES foi uma experiência muito enriquecedora, no sentido de adquirir novas competências e melhorar aptidões essenciais para o desempenho do serviço da docência. Também foi motivo de grande crescimento a nível pessoal. No mesmo capítulo apresentamos também uma análise da Unidade Letiva: A Ecologia e Valores, Unidade da qual parte esta investigação. Uma vez que esta Unidade Letiva se insere no Programa de EMRC do 8º ano, consideramos importante também fazer uma análise a todo o Programa, para assim compreendermos o peso que este tema da ecologia tem, quer no programa, quer mesmo nos manuais dos alunos. Por fim,

fechamos este capítulo com as interrogações/questões que nos convidam à investigação teológica deste tema.

No segundo capítulo, apresentamos o tema ecológico com algumas notas introdutórias, procurando uma reflexão sobre a importância deste tema na sociedade. Apontamos a raiz humana para uma chamada “crise ecológica” e concluimos este ponto com algumas possíveis estratégias de inversão desta crise.

No terceiro capítulo, apresentamos uma fundamentação ético-teológica da nossa responsabilidade ecológica, centrando-nos mais profundamente no contributo da Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco. Mas antes disso, escolhemos dois textos bíblicos que nos pareceram bastante significativos para uma abordagem desta responsabilidade ecológica: o texto do primeiro e segundo capítulos dos Génesis e o Salmo 8, como que a resposta do salmista à própria criação, tendo como alicerce o tema do louvor. Procuramos visitar alguns Documentos da Igreja Católica que nos falam desta responsabilidade comum em salvaguardar a natureza, pensando sempre nas gerações vindouras. Depois disto, refletimos então na novidade da Encíclica *Laudato Si*, reforçando, sobretudo o conceito de Ecologia Integral.

Por fim, no quarto capítulo deste trabalho, voltamos à reflexão da prática letiva, apontando alguns princípios decorrentes da reflexão teológica acerca da ecologia e aplicando-os à própria educação. Assim, reforçamos o apelo a outro estilo de vida, procuramos compreender a educação para a ecologia sobre a perspectiva do cuidado, para assim falarmos de uma educação e espiritualidade ecológicas. E, finalmente concluimos toda esta investigação no próprio contributo que a disciplina de EMRC proporciona para uma responsabilidade ecológica.

Capítulo I

Reflexão sobre a Prática Letiva

1. Caracterização da escola onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada

A Escola EB 2.3. Pedro D'Orey da Cunha situa-se no Município da Amadora, sendo o Conselho da Amadora integrado pelas freguesias de Alfragide, Encosta do Sol, Falagueira, Venda Nova, Mina de Água, Venteira e Águas Livres, pertencendo o Agrupamento de Escolas da Damaia à freguesia das Águas Livres.

O agrupamento é constituído pelas seguintes escolas e Jardins de Infância: Jardim de Infância da Damaia, EB1/JI das Águas Livres, EB1/JI Cova da Moura, EB1 Padre Himalaia e EB 2,3 Pedro D'Orey da Cunha, sede do agrupamento. Todas elas situadas nos limites da extinta freguesia da Damaia, que em 2011 contava com 20.894 habitantes¹. Este território é partilhado com o Agrupamento de Escolas D. João V, cuja sede situa-se a duzentos metros da Escola E.B 2.3 Pedro D'Orey da Cunha e tem uma escola agregada na Buraca.

O Agrupamento de Escolas da Damaia situa-se em bairros de classe média baixa e recebe alunos também do Bairro da Cova da Moura de construção ilegal, declarado Bairro Crítico em Conselho de Ministros de 2007. Os dados relativos ao bairro são pouco confiáveis. As últimas estatísticas datam de 2001 e refletiam que 41% da população do bairro era portuguesa e 35% de origem cabo-verdiana². O 24% restante procedem dos outros PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Os poucos dados publicados sobre a população da Cova da Moura referem que conta com

¹ Cf. www.ine.pt, (consultado em 20 de Outubro de 2015).

² Cf. Dados estatísticos do INE de 2001, em M. A. da SILVA GODINHO, *Cova da Moura. Bairro "histórico" em evolução*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura Sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra, 2010, 32.

5000 habitantes³. Sendo assim, é necessário referir que em números redondos, 25% da população da Damaia mora na Cova da Moura.

A taxa de analfabetismo do bairro pode alcançar o 10%⁴, sensivelmente superior à taxa nacional (6%) e duas vezes e meia a taxa do conselho da Amadora (4%)⁵.

Este bairro tem sido objeto de diversos estudos orientados desde a ordenação territorial, a sociologia, a psicologia, a arquitetura, etc,⁶ coincidindo todos eles na conclusão do peso negativo que tem sobre muitos moradores, o facto de morarem no “Monte”, como estes apelidam o bairro. No entanto, é possível encontrar pontos fortes do bairro que devem ser tidos em conta na escola:

- “População jovem, com potencial de transformação;
- Intensidade dos laços de solidariedade e de coesão;
- Multiplicidade das relações inter-pessoais;
- Forte ligação às tradições e ao bairro (qualquer que seja a origem étnica dos residentes);
- Teia sociocultural diversificada alicerçada num tecido associativo forte e organizado;
- Possibilidade de forte dinamismo económico e ingresso no mercado de trabalho;

³ Cf. M. A. da SILVA GODINHO, *Cova da Moura. Bairro “histórico” em evolução*, 36.

⁴ Os dados referem-se ao ano 2007. Cf. E. E. PINTO DOS SANTOS PESSANHA RODRIGUES, *Cova da Moura: por dentro e por fora*, Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, ramo Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, sob a orientação do Professor Doutor Luís Fernandes, Porto, 2009, 16.

⁵ Cf. www.pordata.pt, (consultado em 22 de Outubro de 2015).

⁶ Além das dissertações anteriormente referidas de Marco António da Silva Godinho sobre a arquitetura e a de Elisabete Eugénia Pinto dos Santos Pessanha Rodrigues de cariz psicológico, encontramos o artigo de L. MENDES, “Urbanização clandestina e fragmentação socio-espacial urbana contemporânea: o Bairro da Cova da Moura na periferia de Lisboa”, in *Revista da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade do Porto*, Série II, Volume 2, Porto 2008, 57-82; M. J. FERREIRA e R. CARVALHO, “Estratégias residenciais em áreas críticas urbanas: O caso do Bairro do Alto da Cova da Moura, em Lisboa”, in *Atas do 16º Congresso da APDR, Universidade da Madeira, Funchal*, 2010, 2290-2324; AZ e R. CAMPOS, “O rap e o graffiti como dispositivos de reflexão identitária. o caso do bairro da Cova da Moura”, in *VII Congresso Português de Sociologia*, Faculdade de Sociologia e Ciências da Educação, Porto 2012; L. VASCONCELOS, *Cova da Moura: uma experiência de intervenção sócio-territorial participada*, in *Infogeo* Julho 2007, 107-113 entre outros muitos.

- Baixos níveis de conflitualidade inter-étnica”⁷.

A Escola EB 2.3 Professor Pedro D’Orey da Cunha é um estabelecimento classificado como Território Educativo de Intervenção Prioritária, TEIP2. As escolas TEIP surgiram em 1996, com o governo de António Guterres⁸.

De acordo com o despacho normativo nº 55/2008 que permite a constituição dos TEIP 2, como é o caso da Escola EB 2.3. Pedro D’Orey da Cunha, os agrupamentos assim considerados deveriam apresentar os seus projetos educativos com um conjunto diversificado de medidas e ações de intervenção na escola e na comunidade onde se inserem, medidas essas orientadas para a qualidade do percurso e dos resultados escolares dos alunos; a redução do abandono e insucesso escolar e a intervenção da escola como agente educativo e cultural central na vida das comunidades em que se insere⁹.

Assim sendo, a escola EB 2.3 Pedro D’Orey da Cunha tem como objetivo a igualdade de oportunidades para os alunos, com exigência e rigor alargados a todos os elementos da comunidade educativa.

A Escola EB 2.3. Pedro D’Orey da Cunha deve o nome ao seu patrono. Pedro D’Orey da Cunha (1939-1995) foi licenciado em Filosofia e em Teologia e doutorou-se em Ciências da Educação. Escreveu várias obras sobre a deontologia da profissão docente e sobre a educação ética na família e na escola. Destacamos aqui a obra “Educação em debate”¹⁰ e a obra “Ética e Educação”¹¹. Preocupou-se muito com a questão das famílias migrantes e na integração destas nas novas sociedades residentes. A Escola sede adotou-o como patrono por este equacionar para o sistema educativo português uma visão humanista e intercultural do ato educativo.

⁷ M. J. FERREIRA e R. CARVALHO, *Estratégias residenciais em áreas críticas urbanas: O caso do Bairro do Alto da Cova da Moura*, em Lisboa, 2290-2324.

⁸ Cf. A. BENAVENTE, “Portugal, 1995/2001: reflexos sobre democratização e qualidade na educação básica”, in *Revista Ibero Americana de Educación*, nº 27 (2001), 99-123.

⁹ Cf. M. SOARES, “O que são Agrupamentos TEIP”, in *Ozarfaxinars, e-revista*, nº 22 (2010), 2.

¹⁰ P. D’OREY DA CUNHA, *Educação em Debate*, Universidade Católica Editora, 1997.

¹¹ P. D’OREY DA CUNHA, *Ética e Educação*, Universidade Católica Editora, 1996.

No Agrupamento de Escolas da Damaia existem algumas instituições escolares de apoio a alunos, entre as quais, apoio a alunos com necessidades educativas especiais (NEE), cujo objetivo é desenvolver práticas pedagógicas que visem a integração educativa e social, o acesso e sucesso educativo. Existem também neste agrupamento os alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente. Existe também o Apoio Social Escolar (ASE) e o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF) cujo fim é o acompanhamento psicossocial nos casos de desemprego ou emprego precário, emigração ilegal, precariedade económica/baixos rendimentos, violência doméstica/abuso sexual, negligência no cumprimento das responsabilidades parentais. O Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) desenvolve as suas atividades de acordo com o plano anual proposto em cada ano letivo. O seu objetivo é apoiar a comunidade educativa na sua área de especialidade. Tem como objetivo também o desenvolvimento de atividades no âmbito da orientação vocacional e apoio ao desenvolvimento de relações na comunidade educativa.

O SPO trabalha essencialmente com alunos de Cursos de Educação e Formação, alunos de Cursos Vocacionais, alunos com Necessidades Educativas Especiais, alunos com Multideficiência, alunos com Problemáticas de Aprendizagem Específicas, alunos com Problemáticas Psicológicas Transitórias e, por fim, alunos em processo de decisão quanto à sua carreira académica.

No Agrupamento de Escolas existem também Atividades Extracurriculares, como as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC'S), a Componente de Apoio à Família (CAF), os Clubes que visam contribuir para a concretização das metas do Projeto Educativo, o Desporto Escolar com a aquisição de hábitos de vida saudável e formação integral dos jovens em idade escolar, a Educação para a Saúde, contribuindo para a prevenção e controlo de comportamentos de risco. Existem também as oficinas, como as oficinas de Português e Matemática.

A influência no desempenho académico da situação do Bairro da Cova da Moura é visível na escola de 1º ciclo da Cova da Moura, cujos resultados nas provas nacionais de 4º ano colocaram-na no lugar 4321 do ranking das escolas de 2014 elaborada pelo diário Público e a Universidade Católica Portuguesa¹², isto é, na lista das 80 piores escolas.

Muitos alunos da escola da Cova da Moura saem do agrupamento para iniciar o 5º ano no Agrupamento de escolas D. João V. Conforme se sobe no ano da escolaridade, os resultados nas provas nacionais são mais divergentes entre ambos os agrupamentos: ocupando o agrupamento de escolas D. João V o posto 1202 (ente as 45 piores escolas de Portugal) e a Escola E.B 2.3. Pedro D'Orey o lugar 691, conforme os dados do ranking¹³.

Ambas as escolas têm Apoios Sociais, maioritariamente no nível 1 (60% no João V e 59% no Pedro D'Orey), e são muitas as necessidades atendidas em ambos os centros escolares, a diferença no desempenho da prova no 9º ano é muito considerável: média de 2,29, longe da média do conselho da Amadora (2,64) e de 2,78 na Pedro D'Orey. Ambas as escolas melhoraram no seu desempenho em relação ao ano de 2014.

Finalmente, há um índice significativo: a taxa de conclusão do ciclo (neste caso, o 3º ciclo): na escola Pedro D'Orey chega ao 94% e na escola D. João V apenas 60%.

O Agrupamento de Escolas da Damaia pretende proporcionar uma educação assente na qualidade e rigor das aprendizagens, bem como nos valores de cidadania participativa, para assim formar cidadãos responsáveis e criativos, empenhados na melhoria do meio onde vivem. A missão do Agrupamento é promover o sucesso escolar e a formação pessoal e social dos alunos e desenvolver um ensino inclusivo, baseado na igualdade de oportunidades a todos os alunos. Através da motivação e valorização dos docentes e não docentes e no envolvimento ativo dos Encarregados de Educação, o

¹² Cf. <http://www.publico.pt/ranking-das-escolas-2014/listas> (consultado em 14 de Novembro de 2015).

¹³ Cf. <http://www.publico.pt/ranking-das-escolas-2014/listas> (consultado em 16 de Novembro de 2015).

objetivo é construir uma verdadeira Comunidade Educativa, em que todos contribuam para a nobre missão que é a educação.

De referir ainda que uma das preocupações do Agrupamento é a luta contra o insucesso e o abandono escolar. O Projeto Educativo da Escola tem como principal objetivo a promoção do sucesso escolar. Para isso é necessário: atualizar profissionalmente todos os intervenientes; promover a relação comunidade-família-escola; articular vertical e horizontalmente os currículos e implementar medidas preventivas da exclusão escolar¹⁴.

Portanto, esta Escola onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES) tem uma população multicultural que deve ser atendida com respeito e tolerância, pois ensinar requer abertura dos nossos horizontes à diferença e ao seu acolhimento. Segundo R. Arends “viver numa sociedade multicultural é uma condição da nossa cultura”¹⁵. Por isso, isto é uma exigência para nós, professores, pois exige que tenhamos um repertório de estratégias de ensino eficazes para cada criança em concreto.

As crianças e jovens desta escola têm uma variedade de origens culturais, deste modo, a escola deve potenciar a sua aprendizagem, através da linguagem apropriada quando discutimos a diversidade ou descrevemos as origens e as capacidades dos alunos. Um dos principais objetivos do ensino “é ajudar os alunos a tornarem-se independentes e autorregulados”¹⁶, por isso, “os professores são responsabilizados pelos seus métodos de ensino e pelo que os seus alunos aprendem”¹⁷.

A educação deve, por isso, “contribuir para o desenvolvimento total da pessoa-espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal,

¹⁴ Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA, “Projeto Educativo do Agrupamento”, 2013/2014- 2016/2017, 23- 24.

¹⁵ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Ed. Mcgraw Hill, 7ª Edição, Madrid, 2008, 8.

¹⁶ *Ibidem*, 17.

¹⁷ *Ibidem*, 14.

espiritualidade”¹⁸. Esta deve ser fundada sobre quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, pilares esses que devem estar constantemente em consonância¹⁹.

Nas Escolas como esta na Damaia, os docentes diante de um mundo diversificado e multicultural, não têm outra escolha senão proporcionar um bom ambiente de aprendizagens, cujo ensino deve ser de cariz recetivo e igualitário. Na Damaia também existem alunos com dificuldades de aprendizagem, ou com qualquer outra necessidade educativa especial. Estes alunos devem ser atendidos e ajudados com a sua própria diferença, para que “tenham um desempenho eficaz, tanto dentro como fora da escola”²⁰.

A diversidade linguística deve ser respeitada e as competências bilingues devem ser encorajadas e desenvolvidas nos alunos que estão a aprender a falar português. Na escola EB 2.3 Pedro D’Orey da Cunha há um acompanhamento neste domínio, visto que muitos dos alunos são recém-chegados a Portugal e precisam de ajuda para aprender a língua oficial, neste caso, o português. Com um corpo docente estável, a escola tenta trabalhar para dar a todos os alunos experiências educacionais adequadas.

2. A turma onde se desenvolveu a PES

A Turma atribuída na Escola Pedro D’Orey da Cunha, foi o 8º D constituída por 19 alunos, sendo seis raparigas e treze rapazes, com uma média de idade de catorze anos. A maior parte da etnia destes alunos é africana, oriundos sobretudo de Cabo Verde. Esta turma tem uma aluna repetente, e também uma aluna com Necessidades

¹⁸ J. DELORS, *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Brasília: UNESCO, 2010.

¹⁹ Cf. J. KERKHOFS, “Perspetivas ou tendências da educação na Europa”, in “O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do 3º milénio: VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar”, coord. D. Thomaz Nunes e Juan Ambrosio, coleção Ensino Religioso Escolar, nº2, Lisboa, SNEC, 1998, 75.

²⁰ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 84.

Educativas Especiais (NEE). Os alunos apresentam diversos escalões referentes à sua situação económica e financeira.

Segundo R. Arends, o primeiro conceito acerca da caracterização da escola/turma que nos aparece no seu livro *Aprender a Ensinar*, é a diversidade dentro das salas de aula, diversidade essa correspondente à raça, a etnia, a cultura, a religião, a língua, o género e a classe social dos alunos²¹.

Nós assistimos, desde os inícios do século XXI ao fato de que muitos alunos têm oportunidades limitadas, pelo que se torna necessário que a escola adote uma política de equidade, de modo a que todos os alunos sejam envolvidos. A pobreza também constitui um grave problema nas nossas escolas. A taxa de pobreza geral tem aumentado e a classe média está a diminuir²².

É preciso mencionar aqui o conceito de diferenciação dos alunos. A diferenciação tem lugar, pois os professores, consciente ou inconscientemente, têm expectativas diferentes para alguns alunos em relação a outros²³. A diversidade dos alunos corresponde à diferença existente nas capacidades dos alunos, os seus talentos e os seus estilos de aprendizagem. O que é importante é que em qualquer sala de aula em que ensinem, os professores podem deparar-se com alunos com sérias dificuldades de aprendizagem ou necessidades especiais, assim como alunos sobredotados e possuidores de talentos especiais.

Na Turma do 8º D de EMRC da Escola E.B. 2.3. Pedro D'Orey da Cunha, vemos um caso exemplar de uma criança que tem claramente sérias dificuldades de aprendizagem que requer necessidades especiais. Todas estas necessidades procuram ser atendidas, para que estes alunos possam ter um desempenho eficaz, tanto dentro como fora da sala de aula.

²¹ Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 41.

²² Cf. *Ibidem*, 44.

²³ Cf. *Ibidem*, 45.

Aliado às características da educação especial de hoje está o conceito de inclusão que procura incluir todas as crianças em turmas regulares, mesmo no caso das que têm deficiência profunda²⁴.

Podemos também falar em diversidade de alunos no que se refere à cultura, etnia e raça. As previsões indicam que, em 2020, 45% de todos os alunos que frequentam as escolas públicas serão alunos africanos²⁵. A diversidade dos alunos a nível cultural, racial ou étnica é um importante desafio para os professores, pois as desigualdades étnicas e raciais, bem como as questões da intolerância refletem-se nas escolas e nas salas de aula. Para esta questão, é fundamental que os professores desenvolvam nos seus alunos a aceitação cultural e a consciencialização. Isto na prática traduz-se por exemplo, em que os professores procurem introduzir no programa, decisões que ajudem a tornar as suas aulas culturalmente relevantes e multiculturais, em última análise, os professores devem contribuir para uma educação multicultural²⁶.

O que é desafiante para um professor é a sua capacidade para interligar o mundo e as culturas dos seus alunos com o mundo da escola e da sala de aula. Constitui-se como uma forma de incluir a cultura dos alunos em todas as aulas e atividades da escola, tal como nos diz R. Arends. Na Escola Pedro D'Orey na Damaia, assistimos, sem dúvida a esta realidade cultural diversa, pois muitos alunos, provenientes do bairro da Cova da Moura, estão presentes nas nossas salas de aula. Os alunos provenientes deste ou de outros bairros na zona da Damaia, são caracterizados por serem de uma cultura muito fechada, ligados às suas tradições e costumes. Sem dúvida, que é um desafio para um professor, integrá-los no ambiente “exterior” da escola e na turma onde são inseridos.

²⁴ Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 52.

²⁵ Cf. *Ibidem*, 60.

²⁶ Cf. *Ibidem*, 65.

Além da diversidade cultural e étnica, os alunos também trazem para a escola e salas de aula, uma diversidade de crenças religiosas. Estas também devem ser tidas em conta no Programa de lecionação dos professores. Aliada à diversidade religiosa, está a diversidade linguística. O professor deve reconhecer que a língua é um importante fator de escolarização²⁷, surgindo como desafio, desenvolver formas de trabalhar com os alunos de diferentes dialetos.

As diferenças entre sexos são igualmente um fator que os professores devem ter em conta nas suas aulas. Este é um fator importante, pois os rapazes e as raparigas aprendem a tornar-se homens e mulheres na escola e junto das suas famílias. O que é importante é que os professores devem estar bem informados e ter atenção às necessidades de todos os alunos. A turma do 8º D, é constituída por seis raparigas e treze rapazes.

As diferenças sociais são também uma importante categoria na caracterização da escola. Na diversidade de alunos, é importante refletir as características e o desempenho de alunos com baixo Estatuto Sócio-Económico (ESE). Muitos filhos de pais pertencentes à classe trabalhadora oriundas de famílias com baixo ESE vivem na pobreza. Essa pobreza reflete-se na má nutrição dos alunos, pouca saúde, indo muitas vezes para a escola, sem pequeno-almoço, falando uma língua diferente, aspeto que já salientámos. Estatisticamente alunos com baixo ESE, independentemente da sua etnia, têm um desempenho mais baixo que o de seus colegas com alto ESE²⁸. No 8º D, podemos dizer que existem alguns alunos desta categoria, que é necessário ter em conta. Neste ano letivo, existem cinco alunos a beneficiar de Apoio Social Económico (ASE).

Diante destas questões envolventes na caracterização da escola, nomeadamente nas questões da diversidade dos alunos, são necessárias ações a nível escolar, para tornarem o ensino mais recetivo aos alunos com origens diferentes ou com necessidades

²⁷ Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 71.

²⁸ Cf. *Ibidem*, 79.

especiais. Surge como importante desafio para os professores, a valorização das capacidades de todos os alunos, desafiando-os a alcançarem o seu máximo potencial.

3. Análise da Unidade Letiva: Ecologia e Valores

A Unidade Letiva 4- Ecologia e Valores, fazendo parte do Programa de EMRC, apresenta-se como uma unidade pertinente sendo o seu estudo atual. Esta Unidade Letiva apresenta um carácter interdisciplinar com as matérias lecionadas nas disciplinas de Ciências Naturais- com *a sustentabilidade da Terra: gestão sustentável dos recursos*; Educação Tecnológica- com *o impacto social e ambiental das tecnologias*- por fim, na disciplina de Francês com o tema *Ecologia* e na disciplina de Geografia com o tema: *Ambiente e Sociedade: alterações do ambiente global: grandes desafios ambientais: estratégias de preservação do património*²⁹.

Das três unidades letivas lecionadas, a saber: Unidade Letiva 1: O Amor Humano; Unidade Letiva 2: O Ecumenismo e Unidade Letiva 3: Ecologia e Valores, escolhemos esta última como motivo de estudo e reflexão para este relatório final. Este tema foi e é atualmente importante, pois é urgente mudar a postura de vida, o que por sua vez, terá consequências numa nova mentalidade e ação.

É dever do professor de EMRC ajudar os alunos a fazerem uma leitura crente da realidade. Por isso, este deve procurar saber em que ponto vão os docentes das outras disciplinas na leção do tema, para que haja assim uma chamada de atenção aos alunos, em relação aos temas já lecionados nas respetivas áreas do saber, fomentando a participação dos alunos nos projetos da escola referentes a este tema específico.

²⁹ Cf. M. MESQUITA, *Cuidar da Terra: “Para a cultivar e guardar” (Gn 2, 15)*, Dissertação de Mestrado sob a orientação de Professor Doutor Armindo dos Santos Vaz e Mestre Juan Francisco Ambrósio, Lisboa, 2014, 22-23.

A educação para a ecologia constitui uma educação importante nas nossas escolas, uma vez que “a educação ecológica revela-se uma temática propícia a que, na prática, as aprendizagens nas várias disciplinas e/ou áreas curriculares não disciplinares vão interagindo e sedimentando conhecimentos”³⁰.

O que é preocupação nesta Unidade Letiva é que a disciplina de EMRC desse uma visão positiva acerca da ecologia, visão essa assente nos valores, com uma leitura crente face à tarefa de cuidar da terra. Do ponto de vista ético, a relação da humanidade com a natureza deve ser fundamentada sob o valor do respeito. Neste sentido, torna-se uma urgência que o ser humano refreie o sentido de dominar a terra e pense quer nas consequências da sua ação sobre a natureza, quer nas consequências para as gerações vindouras.

A Unidade Letiva Ecologia e Valores torna-se muito importante para a formação integral do aluno, dada a situação ecológica atual do mundo em que vivemos. Num mundo de destruição do planeta, importa incentivar os alunos a tomarem uma atitude interventiva em relação à realidade, pautada pela cidadania responsável. É importante motivar os alunos a assumirem a ética do cuidado em relação ao planeta terra. A lecionação desta Unidade Letiva ajudará os alunos a compreenderem que o ser humano tem a capacidade para cuidar de toda a criação, em virtude da sua singularidade³¹.

Esta Unidade Letiva apresenta elementos capazes de sensibilizar os alunos, crentes ou não crentes, para o cuidado da “Casa Comum”, pois o problema ecológico tem uma dimensão universal, que interessa a todo o ser humano.

Segundo as metas da disciplina de EMRC para esta Unidade Letiva, temos a meta B que nos fala em construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, o que completa com 2 objetivos: perceber que um elemento fundante da

³⁰ A. G. SILVA, “A Ecologia na Educação Moral”, in *Fórum de EMRC*, Lisboa, SNEC (2005), 195.

³¹ Cf. A. MARCOS, L. BOFF, *Globalização: Desafios socioeconómicos, éticos e educativos*, Editora Vozes, Brasil, 2002, 111.

dignidade humana é a sua relação com a totalidade da criação³². Por sua vez, o objetivo nº 3 afirma: *conhecer a perspectiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus*³³.

Um aspeto importante que não se deve omitir é a questão da linguagem. Que tipo de linguagem usar na transmissão dos conteúdos desta Unidade Letiva? Será que é pertinente usar a linguagem religiosa, teológica ou simbólica? Qual será a linguagem mais apropriada para transmitir a mensagem aos alunos da escola contemporânea? Apresentando a EMRC uma natureza escolar, é preciso afastar a linguagem bíblica de índole catequética. É preciso situar o texto bíblico no seu contexto para uma melhor compreensão da linguagem. A linguagem pictórica, literária e musical como o Programa propõe constitui-se apelativa para a faixa etária a que se destina³⁴. Aqui mencionamos, com uma importância considerável a educação para a simbólica cristã, onde através da análise de obras de arte que se destacam, os alunos consigam captar a mensagem cristã que aí está implícito.

4. Reflexão sobre a leção desta Unidade Letiva

Vejamos então os conteúdos desta Unidade Letiva, bem como a reflexão acerca da sua leção. Primeiramente, os alunos foram convidados a conhecer personagem de referência para este tema, neste caso, Baden-Powell, fundador do escutismo, bem como o seu contributo para a preservação da natureza. Segundo Baden-Powell, “o estudo da natureza mostra-nos um mundo cheio de coisas belas e maravilhosas, que Deus fez para as pessoas serem felizes. Procurem deixar este mundo

³² Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*. Lisboa, SNEC, 2014, 92.

³³ *Ibidem*, 92.

³⁴ Cf. *Ibidem*, 92- Meta J. Descobrir a simbólica cristã.

um pouco melhor do que estava quando o encontraram”³⁵. Podemos dizer que esta Unidade Letiva está pautada por dois sentidos: reconhecer a natureza como dádiva de Deus, numa leitura crente e, também educar o jovens no sentido da responsabilidade em preservar esta natureza. Esta personagem foi trabalhada com os alunos, pois achamos importante o seu contributo positivo no modo de viver na “Casa Comum”.

Uma vez que não é proposta do manual, no início desta Unidade Letiva, foi importante explicar aos alunos o que é a ecologia, que significa o *estudo da casa*, esta estuda as relações entre os seres vivos, bem como as influências que sobre eles exercem os vários fatores ambientais, como as mudanças de temperatura ou de luz. Por fim, estuda também a influência dos seres vivos sobre o meio ambiente³⁶.

Não é só o ser humano que habita o planeta, também o ar, a água, as plantas e os animais estão inseridos nele. Esta referência contribui para que os alunos tomem consciência que não estão sozinhos no planeta, mas estão inseridos num ecossistema e estabelecem relações com todos os organismos presentes no planeta.

Foi importante realçar com os alunos que o bem-estar da humanidade depende da manutenção de um ambiente saudável, bem como da biodiversidade, isto é a relação de respeito que se estabelece com os mais variados seres que habitam nesta terra.

Um elemento importante no que se refere à beleza da natureza é a sua demonstração nas mais variadas obras de arte, quer seja na música, literatura, pintura ou fotografia. Os alunos, depois de terem visualizado algumas fotografias que demonstraram a beleza natural de algumas paisagens, foram convidados a contactarem com uma obra artística, o *grito* de Edvard Munch.³⁷ Pareceu-nos importante a análise desta pintura expressionista, para ajudar os alunos a saberem interpretar uma obra artística e a perceberem o seu simbolismo e significado.

³⁵ Manual do aluno, 8º ano, *Quero descobrir*, Lisboa, SNEC, 2015, 104.

³⁶ Ver Portefólio da PES, Anexo 37, Lição 25.

³⁷ Ver Portefólio da PES, Anexo 38, Lição 26.

De seguida, o Manual do Aluno apresenta-nos a natureza como dádiva de Deus numa leitura bíblica. De uma forma especial, Deus cria o ser humano à sua imagem e semelhança, dando-lhe a tarefa de proteger, preservar e continuar a obra da criação. Na perspetiva cristã, a natureza existe em função da felicidade do ser humano, por isso, o bem-estar e a felicidade das pessoas estão interligadas ao equilíbrio e à saúde do ambiente natural³⁸.

Foi comentado com os alunos o Salmo 8 que exalta a grandeza do ser humano e a preocupação que Deus tem para com ele. No entanto, como sendo alguém tão importante na natureza e na criação, cabe ao ser humano o cuidado e o respeito por todos os seres vivos.

Aqui achamos importante fazer ver que aliada à ecologia, deverá estar a ecofilia, isto é o amor e o respeito pela natureza. O conceito de ecofilia consiste na capacidade do ser humano estar em harmonia com a natureza, sendo obrigação para o ser humano, como ente racional, proteger o meio ambiente, os recursos naturais e toda a forma de vida. E , neste sentido é fundamental preservar a ecologia humana, isto é cuidar das boas relações entre a espécie humana com os outros componentes dos ecossistemas.

De seguida, uma figura muito importante referente a este tema foi explorada: São Francisco de Assis, patrono dos animais e do meio ambiente. os alunos foram convidados a descobrir na sua vida uma relação fraterna com todos os seres da criação, consequência da presença de Deus na criação.

Por fim, para terminar a análise desta Unidade Letiva, o manual propõe o tema: Cuidar da terra, cuidar dos outros. Foi preocupação neste ponto que os alunos percebessem que a responsabilidade do ser humano não se limita somente à proteção do ambiente natural, mas inclui o cuidado das pessoas. Ao preservarmos a saúde do

³⁸ Cf. Manual do aluno, 8º ano, *Quero descobrir*, 108.

ambiente natural, estamos também a criar condições para o bem-estar e para o futuro da humanidade.

Neste cuidado da natureza foram surgindo algumas organizações com este fim. A Sociedade Ponto Verde, S.A, é um exemplo claro: tem a missão de promover a recolha seletiva, a retoma e a reciclagem de resíduos de embalagens a nível nacional. A Quercus, Organização Não-Governamental do Ambiente é responsável pela conservação da natureza e dos recursos naturais, defendendo o ambiente numa perspectiva de desenvolvimento sustentável. A Greenpeace, também uma Organização Não-Governamental preocupa-se com questões relacionadas com a preservação do meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável.

Os alunos seguiram com interesse as aulas e as atividades propostas, apresentando um comportamento adequado e uma participação positiva. Ao longo da lecionação desta Unidade Letiva, os alunos compreenderam que também eles podem ser pessoas responsáveis na defesa da natureza e nas relações com as pessoas.

5. Referências Ecológicas no Programa 2014 de EMRC

Achamos importante refletir sobre o Programa de EMRC 2014, no que diz respeito às referências ao tema da ecologia e do meio ambiente, tentando perceber se este tema se encontra em todos os ciclos de ensino, quer no que diz respeito ao Programa de EMRC, quer em todos os Manuais dos alunos.

Podemos ver algumas referências da Ecologia ao longo de todo o Programa de EMRC e não só na Unidade Letiva 4 do 8º ano. Assim vejamos:

No 1º Ciclo: 1º ano, Unidade Letiva 4- Cuidar da Natureza, vemos uma clara referência à Ecologia. O Objetivo 1 tem como principal função descobrir Deus como

um Pai que tudo criou para nós. E o conteúdos a trabalhar com os alunos precisam a importância da Terra como a nossa “Casa Comum” e uma dádiva de Deus, a beleza e a diversidade da vida na Terra, a natureza como criação de Deus, bem como tudo o que é necessário para viver: o ar, água, plantas e animais e, por fim, como referência ao texto bíblico Gn 1-2,4, pretende-se realçar a natureza no relato da criação.

Por sua vez, o objetivo nº 2: *Promover atitudes de respeito pela vida na Terra*, aliado à meta O. *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*³⁹ pretende trabalhar com os alunos o respeito, o amor e a admiração pela Terra, através do exemplo da figura de São Francisco de Assis. De seguida, é importante ajudar os alunos com pontos concretos para esta finalidade, nomeadamente o consumo de recursos naturais de forma equilibrada, não maltratar os animais, proteger as plantas, não sujar o ambiente e, por fim, reciclar os materiais de desperdício.

Através da pedagogia própria presente no Manual dos alunos de 1º ano, estes, através de desenhos, imagens, recortes e jogos, compreenderão o sentido do cuidar da Natureza.

Encontramos outra referência à Ecologia no 2º ano, Unidade Letiva 4- Deus é Amor. O conteúdo que se insere no objetivo 1- *Descobrir o Amor de Deus pela humanidade*⁴⁰, refere-se às ofertas de Deus, nomeadamente a natureza e todos os seus dons, juntamente com a família e os amigos, bem como o amor e a paz. Este conteúdo pretende fazer ver aos alunos que a natureza, a família e os amigos são ofertas de Deus para nós. Desta forma, o amor e a paz são uma certeza na nossa vida e na vida daqueles que nos rodeiam⁴¹.

Ainda no 1º Ciclo, no 4º ano, Unidade Letiva 2- Crescer na Diversidade, podemos encontrar outra referência, neste caso à diversidade. Com o objetivo 1- *Tomar*

³⁹ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, 24.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 32.

⁴¹ Cf. Manual do aluno, 2º ano, *O Tesouro*, Lisboa, SNEC, 2015, 84.

*consciência da experiência humana da diversidade*⁴², há uma relação com o conteúdo que refere que o nosso mundo está repleto de diversidade, como a diversidade animal e diversidade no mundo vegetal. Os seres humanos também são diferentes uns dos outros, nas suas características quer físicas, quer sociais e profissionais. Como está proposto no Manual de 4º ano, existe diversidade humana, cultural e religiosa⁴³. Tomando consciência de todas estas diferenças, os alunos serão convidados a terem presente que estas complementam a natureza e a pessoa.

No 2º ciclo, temos uma clara referência à Ecologia, no 5º ano, Unidade Letiva 4- *Construir a Fraternidade*. O conteúdo que explora esta temática diz respeito à fraternidade e esta fraternidade manifesta-se também em ser habitante da mesma terra: o Universo e a Terra são o nosso lar⁴⁴. Neste sentido, a Ecologia é vista aqui no sentido da fraternidade. Como o manual do aluno sublinha: todos somos responsáveis pela natureza e a nossa fraternidade deve estender-se também ao Planeta, por isso habitar a Terra implica que cada pessoa seja corresponsável pelo seu futuro⁴⁵. A fraternidade manifesta-se também na diversidade de talentos, potencialidades e aptidões que colocados ao serviço dos outros promovem o desenvolvimento económico, social, cultural e espiritual da humanidade. Desta forma, há uma preservação do planeta.

No 6º ano, na Unidade Letiva 1- *A Pessoa Humana*, existe um conteúdo que pretende ser trabalhado com os alunos, neste caso, olhando e compreendendo a Pessoa Humana, podemos verificar que existem várias dimensões: juntamente com a dimensão física, intelectual, moral e volitiva, emocional, social e sexual, existe a dimensão religiosa da pessoa. Nesta dimensão específica existe a filiação divina e o primado da

⁴² Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, 44.

⁴³ Cf. Manual do aluno, 4º ano, *A Luz da Vida*, Lisboa, SNEC, 2015, 37.

⁴⁴ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, 61.

⁴⁵ Cf. Manual do aluno, 5º ano, *Conta comigo*, Lisboa, SNEC, 2015, 99.

criação⁴⁶. Sublinha-se este último ponto, afirmando que a pessoa humana é o cume da criação, referente da sua dignidade de ser imagem e semelhança de Deus, esta dignidade que a pessoa humana possui é um motivo para salvaguardar e proteger a terra que lhe foi confiada.

Também no 3º ciclo, mais propriamente no 7º ano, Unidade Letiva 1- *As origens* temos uma referência à maravilha do universo e a grandeza do ser humano. O próprio manual⁴⁷ apresenta-nos o Salmo 8 que é considerado um hino ao Criador pela maravilha do universo. Esta maravilha atinge o seu auge na criação do ser humano. Por isso, a criação excelsa do ser humano não pode ser motivo de destruição daquilo que lhe é subdito, como é o caso da natureza, mas motivo de salvaguarda e de proteção para com a terra.

Assim, iluminada pelo texto do livro dos Génesis (Gn 2, 4b-8.18-24), este tema vai percorrendo o percurso desta Unidade Letiva. Assim, o amor de Deus cria e alimenta a natureza, por isso, todas as coisas materiais são boas. Volta a realçar a grandeza do ser humano como obra prima de Deus, como referia o Salmo 8.

O manual dos alunos propõe alguns desafios ecológicos importantes no cuidado e respeito por todas as coisas criadas, no respeito por todos os seres vivos, de acordo com a sua condição e no uso de recursos só enquanto são necessários à vida humana⁴⁸.

O manual dos alunos⁴⁹ parte da realidade da crise ambiental, energética e também da crise de matérias primas para desafiar os alunos a tomarem algumas atitudes que ajudem na defesa da natureza. Estas atitudes passam por não atirar lixo para o chão, plantar árvores, não fumar, tratar com dignidade os animais, incentivo à reciclagem, preservar os jardins e aliado a todos estes aspetos, ter cuidado com a saúde

⁴⁶ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, 63.

⁴⁷ Cf. Manual do aluno, 7º ano, *Quero saber*, Lisboa, SNEC, 2015, 24.

⁴⁸ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, 73.

⁴⁹ Cf. Manual do aluno, 7º ano, *Quero saber*, 29.

e higiene, respeitar e valorizar as opiniões dos outros e partilhar o que temos e somos. Este último aspeto torna-se fundamental no respeito pela terra⁵⁰.

Para concluir esta Unidade Letiva, o manual propõe o exemplo de São Francisco, já falado anteriormente, como modelo de respeito por todas as coisas criadas por Deus, de tal modo que todas as realidades criadas constituem sinal de fraternidade, como São Francisco lhes apelidava. Este sinal de fraternidade está presente no Cântico das criaturas, que é considerado um hino de louvor ao Criador por todas essas realidades criadas.

No ensino secundário vemos uma referência à Ecologia na Unidade Letiva 2: *Valores e Ética Cristã*. Precisamente a nossa Unidade Letiva de referência é Ecologia e Valores. Ora, o valor do respeito é essencial na convivência humana e com a terra. Assim, também no ensino secundário pretende-se fazer ver aos alunos que o ser humano é administrador da criação e nessa administração podemos equacionar uma ética do cuidado⁵¹. No manual do aluno, nós temos uma abordagem da natureza e também da humanidade em algumas das grandes religiões⁵². O contributo de Bento XVI é importante no sentido da reeducação do ser humano para a maravilha das coisas criadas, reconhecendo a sua beleza intrínseca⁵³. É apresentado aos alunos um texto de Bento XVI, que realça a natureza como expressão de um desígnio de amor e de verdade. Ela está à nossa disposição como dom do Criador que traçou os seus ordenamentos intrínsecos, dos quais o ser humano há-de tirar as devidas orientações para a “guardar e cultivar” (Gn 2, 15). Este texto pretende esclarecer duas posições a respeito da natureza: por um lado, a natureza não é mais importante que o ser humano. Por outro lado, há que rejeitar

⁵⁰ Cf. Manual do aluno, 7º ano, *Quero saber*, 31.

⁵¹ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, 109.

⁵² Cf. Manual do aluno, Unidade Letiva 2, *Valores e Ética Cristã*, Ensino secundário, Lisboa, SNEC, 2015, 78.

⁵³ Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, nº 10, in Manual do aluno, Unidade Letiva 2, *Valores e Ética Cristã*, Ensino secundário, 79.

a posição oposta que visa a sua completa tecnicização, pois o ambiente não é algo que se possa dispôr a seu belo prazer, mas obra do Criador⁵⁴.

Ainda no Ensino Secundário, na Unidade Letiva 3- *Ética e Economia* encontramos uma referência à Ecologia. O objetivo 12 refere-se à análise das ameaças da atividade económica para os ecossistemas⁵⁵. Neste objetivo, o Programa da disciplina pretende abordar alguns conteúdos relacionados, neste caso de que modo a atividade económica influencia o equilíbrio ecológico. Pretende-se analisar com os alunos os sinais de um planeta em perigo, como por exemplo o aquecimento global; a questão social e política do consumo e do esgotamento dos recursos naturais, a reciclagem, a questão do respeito pela criação, e outro aspeto muito importante: o cuidado do ambiente decorre do cuidado dos seres humanos. De seguida, o Programa aborda precisamente este último aspeto: o cuidado dos seres humanos, pretendendo mostrar que existem duas alternativas para o ser humano, por um lado, o egoísmo ou uma perspetiva individualista, por outro lado, a atitude de altruísmo ou uma perspetiva de responsabilidade para com os outros. O Papa João Paulo II considera que na raiz da destruição insensata do ambiente natural há um erro antropológico, no sentido da humanidade substituir o papel de Deus nas ações referentes à criação⁵⁶.

Esta referência está também presente na Encíclica *Caritas in Veritate* do Papa Bento XVI. Nesta perspetiva, é sugestão do Manual a análise de um texto do Papa Francisco a propósito desta questão⁵⁷. Segundo ele, os seres humanos não são apenas os beneficiários da criação, mas os guardiões das outras criaturas.

⁵⁴ Cf. BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, nº 448, in Manual do aluno, Unidade Letiva 2, *Valores e Ética Cristã*, Ensino secundário, 79-80.

⁵⁵ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, 117.

⁵⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Centesimus Annus*, nº 37, in Manual do aluno, Unidade Letiva 3, *Ética e Economia*, Ensino secundário, Lisboa, SNEC, 2015, 59.

⁵⁷ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Evangelii Gaudium* nº 215, in Manual do aluno, Unidade Letiva 3, *Ética e Economia*, Ensino secundário, 58.

Portanto, o manual dos alunos propõe o excerto de três textos referentes à Ecologia, Carta Encíclica *Centesimus Annus* do Papa João Paulo II, a Carta Encíclica *Caritas in Veritate* do Papa Bento XVI e, por fim, a Carta Encíclica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco. Nestes três Papas existe a mesma linha de pensamento, isto é a defesa da criação está na base da defesa dos seres humanos, sobretudo os mais fracos e desintegrados da sociedade.

Por sua vez, na Unidade Letiva 7- *Ciência e Religião*, o Programa apresenta um conteúdo importante nesta questão ecológica que o manual do aluno vem reforçar: a necessidade de uma “antropologia adequada” decorrente da concepção do ser humano como imagem de Deus⁵⁸. É desta necessidade que se afirmará o conhecimento de Deus e da natureza. Ainda nesta Unidade Letiva, existe um conteúdo que merece a nossa atenção: Será que as alterações climáticas são um contributo para os limites da criatividade humana? Esta é uma questão muito importante para os alunos, uma vez que é também um tema da atualidade. A perspetiva que é importante realçar com os alunos é a que está presente na Carta Encíclica *Caritas in Veritate* do Papa Bento XVI, quando ele diz que “o tema do desenvolvimento deve estar associado com os deveres que nascem do relacionamento do ser humano com o ambiente natural”⁵⁹. Por isso, nesta Unidade Letiva, encontramos conteúdos sobre a natureza, no que diz respeito à exploração dos recursos, a crise no relacionamento do ser humano com a natureza e a necessidade de salvar o planeta⁶⁰.

Em resumo, nas páginas anteriores, vimos algumas referências ecológicas ao longo de todo o Programa de EMRC e podemos concluir que existe uma distribuição equilibrada sobre este tema nos vários ciclos de ensino. Esta questão ecológica percorre

⁵⁸ Cf. Manual do aluno, Unidade Letiva 7, *Ciência e Religião*, Ensino secundário, Lisboa, SNEC, 2015, 25.

⁵⁹ BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, nº 48, in Manual do aluno, Unidade Letiva 7, *Ciência e Religião*, Ensino secundário, 41.

⁶⁰ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, 135.

todo o Programa, no entanto, as atividades propostas sobre o tema variam consoante a idade dos alunos. Vemos no 1º e 2º Ciclo atividades de cariz prático a realizar com os alunos. No 3º ciclo e sobretudo no Ensino Secundário, decorrente da idade dos alunos, bem como da sua maturidade, a proposta de alguns textos do Magistério dos Papas requerem já um aprofundamento do tema, sem deixar de ter consequências práticas.

Todos estes dados que apresentamos mostram, de fato, a importância que o tema da Ecologia tem para a sociedade e, não só para esta, mas também para a comunidade educativa, motivo pelo qual, abordamos e refletimos sobre esta temática. Constitui um tema atual, motivado também pelo Pontificado do Papa Francisco, que nos incita a não só refletir sobre o cuidado por esta “Casa Comum”, mas também colocar em prática este cuidado e nisto a escola e a disciplina de EMRC tem um papel importante, para que haja um clima de entreajuda e respeito tão ignorado nos dias de hoje.

6. Interrogações/questões acerca da Unidade Letiva

Ao longo da lecionação desta Unidade Letiva foram surgindo algumas questões para mim, enquanto docente. Estas questões e interrogações decorrem da investigação pedagógica e teológica e não só destas, mas também da própria lecionação e são como que a motivação para tal investigação.

Uma vez que este tema da Ecologia é um tema bastante debatido na nossa sociedade de hoje, a primeira questão que se nos depara é perceber se podemos falar da terra, como um planeta esgotado. Assistimos hoje em dia e em todo o mundo ao domínio, degradação e esquecimento de toda a herança natural legada pelos nossos antepassados, sem nos questionarmos sobre as consequências que tais atitudes provocam em nós e nas gerações vindouras. Esta questão decorre deste facto: estamos num momento crítico da história da terra, vivemos uma crise ecológica que resulta da

ação individual e coletiva do ser humano. No entanto, diante de tal contexto podemos pensar: a terra é um planeta esgotado, ou tem ainda possibilidade de mudança positiva, tem a capacidade, através da ação humana de ser preservada e guardada, como algo que nos foi confiado?

Outra questão que vem no seguimento desta é perceber afinal quais as verdadeiras razões para estes comportamentos destrutivos a respeito da natureza? Isto, porque, se por um lado, o ser humano é vítima de degradação ambiental, por outro lado, é também o seu maior causador. Que razões poderão sustentar comportamentos destrutivos? Não é nosso objetivo enumerar todas as razões, até porque não podemos especificar a razão de cada comportamento humano. Podemos, no entanto, apontar as principais razões que estão na base de atitudes adversas ao bem-estar ecológico e ambiental.

Diante das razões para tais comportamentos, é importante perceber as consequências de tais atitudes destrutivas, consequências essas que constituem motivo de ação e preservação da natureza. É neste sentido que se insere aqui o papel da reflexão teológica na preservação da natureza, sobretudo através do relato da criação presente no livro dos Génesis e da sua interpretação à luz da fé, a teologia poderá contribuir de forma muito positiva para a preservação da natureza, daí o seu importante contributo.

Juntamente com o contributo da teologia e, uma vez que esta investigação se realiza no domínio da disciplina de EMRC, pareceu-nos importante questionar-nos acerca do contributo da própria disciplina de EMRC para uma responsabilidade ecológica. A teologia e a própria disciplina de EMRC dão-nos um contributo significativo para a preservação e salvaguarda da natureza e da criação. Por isso, a última questão que fica nesta investigação é perceber que desafios atuais se prendem a uma responsabilidade ecológica, nomeadamente na educação? Face aos graves problemas ambientais que ameaçam a vida na terra, é urgente assumir atitudes capazes

de garantir a sobrevivência no nosso planeta. Por isso, é fundamental que cada pessoa reveja o seu dia a dia e adote atitudes verdadeiramente ecológicas.

Capítulo II

A questão ecológica

A terra que habitamos é algo maravilhosamente belo que merece o nosso cuidado e respeito. No entanto, vamos assistindo, ao longo dos séculos, um uso irresponsável dos bens que temos à nossa disposição. Tudo isto devido, em grande parte, à irresponsabilidade que habita o coração humano, cujas consequências se repercutem no solo, na água, no ar e nos seres vivos.

Intitulamos este capítulo “A questão ecológica”, pois o próprio uso que estamos a fazer da terra e do planeta, associado, como vimos à irresponsabilidade do ser humano, levanta-nos uma questão: que estratégias adotar para inverter esta crise ecológica que, como veremos, não é só uma crise ambiental, mas uma crise na ética de uma relação sólida com os outros e com a natureza.

Como diz o Papa Francisco, na linha do Papa Beato Paulo VI, os progressos científicos, as invenções técnicas, o desenvolvimento económico, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem⁶¹. Por sua vez, o Papa São João Paulo II salienta a necessidade de “salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana”⁶². Tudo isto nos leva a perceber que na raiz da questão ambiental, está uma questão ética e comportamental do ser humano, não só em relação à natureza, mas também em relação aos que partilham a mesma terra, como “Casa Comum”. O progresso humano implica o respeito pela pessoa humana, prestando atenção, igualmente ao mundo natural, tendo em conta “a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado”⁶³.

⁶¹ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 7.

⁶² JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Centesimus Annus*, nº 38.

⁶³ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, nº 34.

O Papa Bento XVI afirmava que “a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana”⁶⁴. O próprio ambiente social tem diversos males aliados à concepção de que não existem verdades inquestionáveis e indiscutíveis a guiar a nossa vida, por isso, a liberdade humana não tem limites. Ora, a destruição da criação começa quando não consideramos nenhuma instância acima de nós, mas entendemo-nos a nós próprios como referência única.

É preciso enfrentar, não só os sintomas desta crise, mas as próprias raízes dela, isto é, as raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais, que nos convidam a uma mudança, não só na técnica, mas também no próprio ser humano.

Neste capítulo veremos alguns aspetos que provocam a crise ecológica, perceberemos que existirá uma raiz humana de comportamentos destrutivos e finalizaremos com algumas estratégias que ajudarão a inverter esta crise.

Adotaremos como documento de referência a Carta Encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si*, que nos ajudará a perceber o que está a acontecer ao mundo enquanto “Casa Comum” e que soluções poderemos encontrar para fazer face a esta crise ecológica.

1. O que está a acontecer à nossa “casa”

Numa abordagem etimológica, encontraremos no vocábulo “ecologia” as raízes gregas *óikos* (casa) e *logos* (discurso), isto é discurso sobre a casa ou sobre o ambiente. A ecologia consiste então no estudo das relações entre os diversos organismos vivos; de um ponto de vista mais restrito, a ecologia designa as condições em que se desenvolve a vida humana⁶⁵. Torna-se também necessário incluir, para caracterizar o ambiente, as

⁶⁴ BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, nº 51.

⁶⁵ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2008, 35.

comunidades humanas, sobre as quais existem os hábitos, os costumes e as percepções acerca da realidade.

O ser humano é parte integrante do ambiente, tal como todas as outras espécies animais. Porém, pela sua capacidade intrínseca e excepcional de adaptação e de intervenção, consegue alterar rapidamente o ambiente em seu favor, ou seja, de acordo com as suas necessidades e ambições, muitas vezes desmedidas, manifestando um profundo e intolerável egoísmo. É à mercê desta capacidade de intervenção enviesada que se vem construindo aquilo a que chamamos crise ecológica. A capacidade de construir um conhecimento consciente desta realidade proporciona também à espécie humana, a possibilidade de elaborar uma reflexão crítica sobre o ambiente e a sua própria ação, a fim de encontrar vias de harmonização⁶⁶.

A reflexão teológica aqui apresentada sobre a situação da humanidade será vista a partir de um confronto com o contexto atual no que este tem de importante para a história da humanidade. Faremos um resumo das questões que hoje nos causam inquietação. Este resumo será necessário para tomar consciência desta questão, para assim reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar.

Foi após o advento da revolução industrial no século XVIII que se passou a assistir a uma evolução científica e tecnológica crescente, o que tem permitido ao homem libertar-se dos constrangimentos colocados pela natureza⁶⁷. A própria produção agrícola acabou por ser influenciada, permitindo a satisfação de uma população humana a crescer cada vez mais depressa; temos os avanços na ciência e na técnica que fizeram com que existisse uma vítima: a terra. Apresentamos alguns elementos que contribuem para esta grave crise: os problemas locais da poluição produzindo efeitos sobre a saúde, particularmente dos mais pobres; a profunda escassez de água, sobretudo nos países

⁶⁶ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, 38.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 43.

pouco desenvolvidos; a expansão dos solos agrícolas que provoca o fenómeno de desflorestação (eliminação das florestas). Mas é preciso aumentar a produtividade dos solos, para isso recorre-se à utilização de adubos e pesticidas. A atmosfera encontra-se também num estado de degradação profundo e extenso, causado pelo crescimento económico desenfreado. Por isso, as questões da poluição atmosférica assumem um carácter global com origem sobretudo na queima de combustíveis fósseis para geração de energia aplicada nos processos industriais.

Estes problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte que afeta todos os seres humanos excluídos. Outra questão, não menos importante é o aquecimento do sistema climático devido, muitas vezes, à alta concentração de gases com efeitos de estufa emitidos por causa da atividade humana. A sua concentração impede que o calor dos raios solares refletidos pela terra se dilua no espaço. Tudo isto incidirá sobre a disponibilidade de recursos essenciais como a água potável, a energia e a produção agrícola das áreas mais quentes e provocará a extinção de parte da biodiversidade do planeta. A perda das florestas tropicais (desflorestação) piora a situação, pois estas ajudam a mitigar a mudança climática.

É importante também reconhecer que as preocupações ecológicas têm crescido ao ritmo do fenómeno da globalização. Por isso, quanto mais se alarga a globalização, mais a necessidade da atitude ecológica é reclamada, procurando-se com esta, recuperar o equilíbrio que de certo modo se perdeu, como efeito do fenómeno da globalização⁶⁸. A degradação da terra não é apenas consequência de carências da natureza, mas também de sofisticados artificios, gostos e interesses da cultura ocidental considerada a expressão emblemática do progresso.

⁶⁸ Cf. J.C. GONÇALVES, “Globalização e Ecologia”, in *Communio*, Nº 4 (2000), 342.

Não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental relacionando-os com a cultura do descarte sobre a vida das pessoas. Atualmente assistimos ao crescimento sem medida de muitas cidades, devido não só à poluição, mas também ao caos urbano, aos problemas de transporte e à poluição visual e acústica. Vemos na sociedade um aglomerado de urbanizações com pouco ou nenhum espaço verde, impedindo o ser humano de um real contacto com a natureza. E quando existem espaços verdes, estes estão apenas reservados a uma parte da população, não existindo em áreas menos visíveis, onde vivem os descartados da sociedade.

Os meios atuais permitem-nos comunicar e partilhar afetos, no entanto, também nos podem impedir de tomar um contacto mais direto, quer com a angústia, quer com a alegria das pessoas. Tudo isto poderá fazer com que haja cada vez mais uma insatisfação nas relações interpessoais, ou mesmo um nocivo isolamento.

O ambiente humano nunca se poderá separar do ambiente natural, pois é neste último que o ser humano vive e respira. No entanto, temos vindo a assistir à degradação dos dois ambientes. Por isso, não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, sem prestarmos atenção às causas que se relacionam com a degradação humana e social (LS nº 48). Este aspeto não nos pode deixar indiferentes, uma vez que os mais afetados pela degradação ambiental e humana são precisamente os mais frágeis do planeta. Como nos diz o Papa Francisco, “muitas vezes falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos”⁶⁹. Por isso, não podemos deixar de referir que uma verdadeira abordagem ecológica se torna numa abordagem social, em que a justiça deve ser um elemento a imperar nos consecutivos debates da sociedade. É assim necessário ouvir, tanto o clamor da terra, como o clamor dos pobres.

A desigualdade que se verifica, afeta não apenas os indivíduos, mas países inteiros, sendo necessária uma ética das relações internacionais. Esta ética terá em conta

⁶⁹ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 49.

que somos uma única família humana. Não deve haver barreiras políticas e sociais capazes de separar países desenvolvidos daqueles que estão em vias de desenvolvimento, por isso, isto não nos deve levar à globalização da indiferença.

Estas situações que vimos até aqui provocam uma degradação da terra que se une às desigualdades de que são vítimas os excluídos. Este lamento reclama do ser humano outro rumo. Se a “preocupação ecológica” tem sido um elemento a ter em conta por todos, muito mais se exige de um cristão que chama à terra que habita dom e criação de Deus. Daqui emerge a sua missão como cristão de fazer com que o nosso planeta seja o que Deus sonhou no momento de o criar, para que corresponda ao seu projeto de paz, beleza e plenitude.

Mas, entretanto, os poderes económicos continuam a justificar o sistema mundial atual, onde predomina a busca de receitas financeiras que tendem a ignorar os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente. Por isso, vemos aqui como estão interligadas a degradação ambiental e a degradação humana e ética. Vemos que a ambição do poder e do ter não conhece limites, por isso, todas as realidades mais frágeis, como o meio ambiente, ficam indefesas perante os interesses do mercado considerado divino, interesses esses transformados em regra absoluta⁷⁰.

Perante a escassez de alguns recursos, a guerra vai-se instalando na sociedade, esta provoca sempre danos graves ao meio ambiente, bem como à riqueza cultural de cada povo. Os riscos aumentam quando se pensa nas armas nucleares e biológicas. Face a esta crise que atinge a terra, é tentação do ser humano pensar que tudo o que está a acontecer não é verdade e que não é assim tão grave como se pensa, mas como adverte o Papa Francisco “cresce uma ecologia superficial ou aparente que consolida um certo torpor e uma alegre irresponsabilidade”⁷¹. Tudo isto pode ser tido como uma desculpa para o ser humano manter o seu estilo de vida, de produção e de consumo egoísta. O ser

⁷⁰ Cf. FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, nº 58.

⁷¹ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 59.

humano pode ser tentado a não ver estes vícios autodestrutivos, adiando decisões importantes e agindo como se nada tivesse acontecido.

Diante desta crise, manifesta-se uma variedade de opiniões: alguns autores dizem que os problemas ecológicos se resolvem apenas com aplicações técnicas, sem qualquer consideração ética. Outros autores, no sentido oposto referem que o ser humano na sua ação só pode ameaçar o ecossistema mundial, pelo que é necessário reduzir a sua presença no mundo, impedindo-lhe todo o tipo de intervenção.

O papel da Igreja nesta questão é importante, não lhe sendo atribuída qualquer tipo de palavra definitiva, mas promovendo o debate com os cientistas e respeitando a diversidade de opiniões. No entanto, é preciso olhar a realidade com seriedade e sinceridade, para constatarmos que há uma grande degradação da nossa “Casa Comum”. A esperança convida-nos a perceber que pode existir uma saída, fruto da mudança de comportamentos e atitudes para resolver os problemas.

2. Raiz humana da crise ecológica

Descrevemos até aqui os graves sintomas desta crise ecológica que, como vimos, tanto podem ser ambientais, como sociais e morais. Agora, é preciso reconhecermos a raiz humana da crise ecológica. Detenhamo-nos, portanto, no modelo tecnocrático que está a ser dominante e no lugar que ocupa nele o ser humano.

Vivemos num século de enormes mudanças, mudanças essas que se prendem ao avanço tecnológico e o seu poder que é impressionante, mas ao mesmo tempo colocam-nos numa encruzilhada. Sem dúvida que é um progresso nos tempos modernos, pois vem facilitar muito a comunicação e o trabalho do ser humano. A tecnologia é um remédio para muitos males, que afligem e limitam o ser humano. A tecnociência bem

orientada conduz a mudanças no sentido de melhorar a qualidade de vida das populações em todos os sentidos. Tudo isto dá à humanidade um poder grandioso, mas é preciso considerar se esse poder é utilizado de uma forma equilibrada. Este poder que falamos e que a humanidade detém tanto poderá ser utilizado para o bem, como também poderá ser instrumento de guerra e de morte para os outros, como por exemplo as bombas atômicas lançadas no século XX que serviram para matar inúmeras pessoas.

Ora, este imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano no que diz respeito à responsabilidade, aos valores e à consciência, o que fez com que o homem moderno não fosse educado para o reto uso do poder. Nota-se, atualmente, e como o Papa Francisco o refere, uma “reduzida autoconsciência dos próprios limites”⁷². Por isso, a liberdade do ser humano enfraquece, quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas do egoísmo e do utilitarismo. Daqui podemos constatar que o ser humano carece de uma ética sólida e de uma espiritualidade que lhe ponham, de fato, um limite e que lhe permitam um reto domínio de si.

Todos estes fatos que vimos, levam-nos a um falso pressuposto de que “existe uma quantidade limitada de energia e de recursos a serem utilizados, que a sua regeneração é possível de imediato e que os efeitos negativos das manipulações de ordem natural podem ser facilmente absorvidos”⁷³. Reduzem-se assim a capacidade de decisão, a liberdade genuína e o espaço para a criatividade alternativa dos indivíduos.

Como nos aponta o santo Padre, a crise ecológica poderá ser resolvida com “um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que se oponham ao avanço tecnocrático”⁷⁴. É possível ver de

⁷² FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 105.

⁷³ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, nº 462.

⁷⁴ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 111.

outro modo, é possível a liberdade humana limitar a técnica, orientando-a e colocando-a ao serviço de outro tipo de progresso, mais humano, saudável, mais integral.

A construção de uma ética ecológica exige, deste modo, uma profunda reflexão sobre os fundamentos das ciências e das tecnologias utilizadas, como também do sistema económico em vigor⁷⁵. Como referiremos, mais à frente, a questão educativa está aqui muito presente, pelo que se exige uma abordagem criteriosa ao sistema educativo. O que devemos procurar não é uma renúncia à ciência e à tecnologia, mas a busca de uma sabedoria e orientação que favoreça o controlo da sua utilização, para benefício da humanidade e do ambiente. Para favorecer um ambiente de qualidade é necessário a justiça social, como veremos também posteriormente.

O relacionamento dinâmico entre o ser humano e o ambiente onde vive constitui uma realidade essencial. Por isso, através de princípios que orientem as relações ser humano-ambiente concretizam-se os objetivos de uma ética ecológica. Deste modo, e porque existe uma *crise*, o ser humano deve empenhar-se seriamente no estudo do seu relacionamento com o meio ambiente.

Alguns autores apontam a tradição judaico-cristã como a responsável pela crise ecológica em que a humanidade está envolvida. Teremos oportunidade de verificar este fato, quando analisarmos alguns textos bíblicos. Afirma J. Gafo que os fundamentos para esta acusação feita à tradição judaico-cristã assentam em dois pontos essenciais, validando a sua argumentação sobre os textos dos Génesis: a visão antropocêntrica da criação e o poder de domínio do ser humano sobre a natureza. A primeira, porque o ser humano é criado por Deus como centro de todo o cosmos, precisamente porque é criado à imagem e semelhança de Deus, daí a sua especial capacidade de dominar sobre todo o

⁷⁵ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, 203.

mundo. Por outro lado, a acusação recai no fato do ser humano ter este poder de domínio sobre as outras criaturas⁷⁶.

O desequilíbrio ecológico não constitui uma realidade original, cuja solução poderá ser alcançada por medidas puramente ecológicas, porque há uma raiz cultural profunda, no sentido que a civilização industrial deu à sua relação com a natureza. As tentativas de solução tecnológica para a crise ficam assim fracassadas se não houver uma revolução profunda no *ethos cultural*. Por isso, é no perverso coração do ser humano que radica a crise ecológica atual.

Temos vindo a assistir a um desequilíbrio em que se debilita o valor intrínseco do mundo. Por isso, se o ser humano não redescobre de novo o seu lugar no mundo, compreende-se mal a si mesmo, acabando por contradizer a sua própria realidade. Nos tempos modernos, assiste-se a um notável excesso antropocêntrico. Por isso, é necessário prestar atenção à realidade que pode constituir um desafio da possibilidade de um desenvolvimento humano e social mais saudável e fecundo. A interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável⁷⁷.

A falta de preocupação em corrigir e solucionar os danos provocados à natureza é reflexo do desinteresse do ser humano em reconhecer a mensagem própria que a natureza inscreve e transmite nas suas estruturas. Quando não se reconhece a importância de um pobre, de um embrião humano ou de uma pessoa com deficiência, também não se consegue escutar os gritos da terra, uma vez que tudo está interligado, como afirma o Papa Francisco. Uma vez que não se pode prescindir da humanidade, não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Quer dizer que na medida em que o ser humano se renova cada vez mais, essa renovação vai ter

⁷⁶ Cf. J. GAFO, *Bioética Teológica*, Universidad Pontificia de Comillas, Madrid, 2003, 486-487.

⁷⁷ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 116.

consequências nas suas próprias relações, que inclui também a relação com a natureza. Por isso, não há ecologia sem uma adequada antropologia.

O ser humano só poderá realmente comprometer-se com o mundo se reconhecer e valorizar as suas capacidades de conhecimento, vontade, liberdade e responsabilidade.

A crise ecológica que vivemos é expressão e manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, por isso, a relação com a natureza só será verdadeiramente sarada se houver respeito, dedicação e cura de todas as relações humanas fundamentais⁷⁸. O mesmo é dizer que a relação com o ambiente não se vive à margem da relação com as pessoas e com Deus, no caso do cristão.

Um antropocentrismo desordenado gera um estilo de vida desordenado. O ser humano coloca-se no centro de tudo e acaba por dar prioridade aos seus interesses contingentes, pelo que tudo o mais se torna relativo. Vivemos numa época em que, consequência do paradigma tecnocrático e da adoração do poder humano, se desenvolve um relativismo prático, em que tudo o que não sacia os interesses pessoais torna-se irrelevante. A cultura do relativismo gera também um desequilíbrio social, uma vez que permite uma pessoa aproveitar-se da outra, tratando-a como simples objeto.

Não podemos pensar que apenas os programas políticos ou a força das leis resolverão este desequilíbrio ecológico, uma vez que a cultura está a assumir uma fase de corrupção, deixando de reconhecer qualquer verdade objetiva ou princípios universalmente válidos.

Nos capítulos seguintes, falaremos da ecologia integral, tão mencionada pelo Papa Francisco, mas podemos referir já aqui, iluminados pelo pensamento do Santo Padre, que a ecologia integral que não exclui o ser humano, deve ter presente o valor do trabalho. Segundo a narrativa bíblica da criação, Deus colocou o ser humano no jardim (Gen 2, 15), não só para cuidar do existente, isto é guardar, mas também para trabalhar

⁷⁸ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 119.

nele, para assim produzir frutos (cultivar). Por isso, a intervenção humana que favoreça a produção equilibrada da terra é a forma mais adequada de cuidar dela. Por isso, ao relacionarmos o ser humano com o mundo que o rodeia, surge a necessidade de uma conceção correta do trabalho, não só no que se refere à terra, mas qualquer trabalho que implique a transformação do existente.

Quando no ser humano se deteriora a capacidade de contemplar e respeitar, criam-se as condições para se desfigurar o sentido do trabalho⁷⁹. O trabalho deveria ser o potenciador do desenvolvimento pessoal: criatividade, projeção do futuro, desenvolvimento de capacidades, a comunicação com os outros. Deste modo, não se deve procurar que o progresso tecnológico substitua cada vez mais o trabalho humano. De contrário, a humanidade corre o risco de prejudicar-se a si mesma.

É preciso ter sempre presente que quando a técnica ignora os grandes princípios éticos, acaba por considerar legítima qualquer prática. Por isso, a técnica separada da ética dificilmente será capaz de autolimitar o seu poder.

3. Possíveis estratégias de inversão da crise ecológica

Na análise decorrente da crise ecológica e das suas raízes humanas, coloca-se-nos um desafio maior: o desenvolvimento de uma análise adequada das questões que emergem da crise ecológica, identificando os seus responsáveis atores - porventura todos nós, membros dos países mais desenvolvidos. Atores esses cuja missão é propor e estabelecer os princípios fundadores de uma ética orientada para a salvaguarda da biosfera e conseqüentemente do planeta. Há um princípio ético que não poderemos

⁷⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Centesimus Annus*, nº 37.

desperdiçar e que pode resumir todos eles: desenvolver um verdadeiro/responsável respeito pela vida e pela sua qualidade⁸⁰.

Torna-se essencial que prevaleça uma consciência moral, que sensibilize para a responsabilidade. Esta consciência existe em cada homem e em cada mulher e manifesta-se quando está em causa o seu destino individual, como o destino dos seus familiares mais próximos.

A preocupação ética das classes dirigentes nas decisões que afetam o futuro da humanidade ainda constitui-se muito superficial. Parece essencial saber encontrar um compromisso que esteja entre o interesse egoísta e individual - que leva o ser humano a realizar as suas ações- e os constrangimentos e exigências da situação comum.

A alteração de tal tendência implica a participação de todos no seio da sociedade, num verdadeiro exercício de cidadania. A luta contra as desigualdades torna-se um objetivo prioritário, exigindo-se um discurso centrado nas pessoas, na prática de valores como a solidariedade, a partilha, a convivialidade, em vez da atenção sobre a posse de bens. Em suma, está em jogo aqui a opção por uma verdadeira cultura do ser.

O salto em frente deverá ocorrer no âmbito da consciência e da cultura enraizada. Por isso, o vetor de mudança não pode ser quantitativo, em relação às coisas e aos sistemas de produção, deverá sim, ser qualitativo, relacionado com o ser humano em si mesmo e atuando ao nível da sua cultura e da sua matriz organizacional enquanto sociedade.

Como vimos, a crise ecológica advém, não só de uma crise de carência de recursos, mas também de uma crise de valores de justiça/equidade. Porém, o que mais causa embaraço é a recusa em aceitar uma relação de causa-efeito entre a forma como as comunidades humanas estão organizadas e o nível de destruição apresentado pelos ecossistemas. O mesmo é dizer: não reconhecemos qualquer ligação entre justiça e

⁸⁰ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, 66.

ecologia. Mas graves problemas e agressões ao ambiente são uma consequência da ação de um grupo da humanidade, de uma elite formada por intelectuais, tecnocratas, economistas, homens e mulheres que muitas vezes estão ao serviço dos seus próprios interesses⁸¹.

A humanidade confronta-se, atualmente, não só com cenários de desigualdade entre as comunidades, mas também com quadros de profunda iniquidade. Para combater este processo, é necessário a implementação de um modelo de desenvolvimento sustentável, também designado eco-desenvolvimento, que pondera os recursos disponíveis, com vista ao desenvolvimento das comunidades humanas⁸².

Para ultrapassarmos a crise ecológica, teremos de ultrapassar as fronteiras da própria ecologia, honrando e promovendo a justiça entre os povos e as gerações. Baixar o consumo, desenvolver a qualidade de vida, assumir as responsabilidades dos resíduos, honrar a prudência, praticar a justiça/equidade são, entre outras, expressões de um assumir com responsabilidade a nossa existência, num planeta com um risco elevado, sabendo sempre que a ética ambiental continua em construção.

Se nos apercebermos da estreita ligação entre ética e técnica, compreenderemos que a solução para a crise ecológica não poderá ser somente um salto em frente da técnica. Esta por si só, não pode arranjar soluções para os problemas que ela própria criou. Embora a solução para a crise ecológica passe, obviamente pela técnica, passará também inquestionavelmente pela ética.

Segundo Maria José Varandas, a solução é apenas uma: regressarmos ao lar-planeta, esse Outro que abandonámos e maltratámos, reencontrá-lo e, ao mesmo tempo, reencontrarmo-nos. O ser que somos, humanos (*humus-terra*), só ganha sentido na assunção consciente da nossa condição planetária: a relação estreita e íntima com todo o

⁸¹ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, 89.

⁸² Cf. *Ibidem*, 90.

mundo natural. Por tudo isto, é que a questão ambiental é, de fato e acima de tudo, um problema ético, uma questão moral⁸³.

A solução para a crise ecológica pode estar também nas mãos dos jovens. Uma vez que estamos a elaborar este trabalho, tendo sempre como referência a cultura e os desafios escolares no que toca à ecologia, é importante salientar o seu papel para uma possível solução. Porque a sociedade acredita nos jovens, com eles inicia-se, desde a escola, nobres projetos veiculados por discursos de esperança. Mas estes discursos são, por vezes uma desilusão, uma vez que estes sozinhos não são capazes de inventar uma sociedade melhor e, por isso, vão-se adaptando à sociedade que os integra procurando sobreviver.

Temos vindo a constatar que a cultura consumista utiliza a juventude para influenciar a sociedade. Todavia, este quadro não deve desviar a necessidade de um trabalho metódico na educação para os valores e para o aparecimento de uma ética renovada. Deve atender-se que existe na juventude uma notável sensibilidade e também uma preocupação pelas questões ecológicas. É necessária então uma vasta e profunda campanha de educação, acompanhada de debates públicos com uma adesão profunda dos cidadãos e recomendando uma ação imediata, para que, de facto, o progresso humano possa vir a ser alcançado. A aposta no papel da juventude para esta ação a favor da sociedade e da natureza é, sem dúvida, uma das estratégias de inversão da crise ecológica.

⁸³ Cf. M. J. VARANDAS, “Em busca do equilíbrio: Éticas ambientais”, in *Eborensia*, nº 41-42 (2008), 152.

Capítulo III

Fundamentação ético-teológica da responsabilidade ecológica

Depois de termos apontado alguns elementos que atestam a existência de uma crise ecológica, percebemos que, para além de uma crise ambiental existe uma crise moral e de comportamentos, apresentando algumas estratégias de inversão desta crise, porque achamos ser necessário. Passamos agora a apresentar uma fundamentação ética e teológica que nos faça chegar a uma responsabilidade ecológica de todos. Para esta fundamentação, é necessário o contributo bíblico que nos poderá dar algumas “luzes” e orientações para o nosso modo de proceder em relação à natureza. Neste sentido, escolhemos um conjunto de textos que nos pareceram significativos para compreendermos o conceito de ecologia e, mais especificamente o conceito de ecologia integral. Embora breve, faremos uma análise mais detalhada do primeiro relato da criação (Gn 1, 1-2, 4 a) e também do segundo relato da criação nalguns aspetos significativos. Para terminar esta linha de orientação bíblica, achamos pertinente introduzir o pensamento do Salmo 8, como Salmo da criação, pois nos ajudará a perceber a dimensão do louvor ao Criador e simultaneamente, do cuidado da criação.

De seguida, apresentaremos neste capítulo, de uma forma breve, o pensamento teológico acerca da ecologia na tradição magisterial. Um documento pontifício que não poderemos deixar adiante é, sem dúvida a Carta Encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado da “Casa Comum”, *Laudato Si*. Aqui veremos a novidade desta Encíclica para o pensamento ecológico e na necessidade e promoção de uma ecologia integral.

1. A sabedoria das narrações bíblicas

Como vimos, as soluções para a crise ecológica não poderão vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário e fundamental recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte, poesia, à vida interior, à espiritualidade e acrescentaria à tradição bíblica. Nenhuma forma de sabedoria pode ser descurada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria.

É importante realçar o apontamento do Papa Francisco na sua Carta Encíclica sobre a Ecologia: “as convicções de fé oferecem aos cristãos e também a outros crentes, motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos mais frágeis. Se, pelo simples fato de serem humanas, as pessoas se sentem movidas a cuidarem do ambiente de que fazem parte, os cristãos, em particular percebem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé”⁸⁴.

Sem repropor aqui toda a teologia da criação, pretendemos saber o que dizem as grandes narrações bíblicas sobre a relação do ser humano com o mundo.

Passemos agora a analisar, ainda de forma sucinta o primeiro relato da criação em Gn 1, 1-2, 4 a. Neste relato, identificado com a tradição sacerdotal demonstra-nos uma sequência de sete dias com o seu sopro profético, mas também nos coloca complexos problemas de interpretação, como veremos mais adiante. Esta tradição literária está próxima do seu meio cultural, o seu estilo é pomposo e não permite identificar qualquer confusão entre Deus e o mundo. A autoria deste texto situa-se quatro/cinco séculos após o segundo relato⁸⁵.

“No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas” (Gn 1, 1-2). Neste relato, indica-se um caos inicial: as trevas, o abismo e a terra deserta.

⁸⁴ JOÃO PAULO II, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1990*, nº 15.

⁸⁵ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, 165.

Deste modo, a criação desabrocha e manifesta-se por um ordenamento no meio do caos. O verbo criar („*bara*”) designa uma ação própria de Deus, estabelecendo um princípio absoluto. O termo „criar” aparece cinco vezes no início e no termo do relato e três vezes associado a uma benção.

O ato da criação concretiza-se pela palavra que Deus profere. A palavra („*dabar*”) representa a manifestação direta de Deus, não só a sua revelação, mas também o seu modo de intervenção. Todo o relato da criação é assim pautado pela presença da palavra “Deus disse” conferindo-lhe uma dimensão de diálogo fundamental.

Os primeiros entes criados são de natureza cósmica: de início, a luz, o dia e a noite, dando origem à criação do tempo – “Deus disse: «Faça-se a luz.» E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia.” (Gn 1, 3-5). Constata-se a inserção do tempo divino no quadro de uma semana humana. Segue-se a separação entre as águas; as águas separam-se da terra e emergem os continentes- “Deus disse: «Haja um firmamento entre as águas, para as manter separadas umas das outras.» E assim aconteceu. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam por cima do firmamento. Deus chamou céus ao firmamento. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o segundo dia.

Deus disse: «Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus, num único lugar, a fim de aparecer a terra seca.» E assim aconteceu. Deus chamou terra à parte sólida, e mar, ao conjunto das águas.” (Gn 1, 6-10). Aparece então o primeiro julgamento: “Deus viu que isto era bom”. No mesmo dia foi criada a flora: a verdura, a erva e as árvores de fruto- “Deus disse: «Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que dêem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente.»”(Gn 1, 11). No quarto dia, há lugar para o retorno ao cosmos. São criados os astros e as estrelas, o autor remete-os à categoria de criaturas- “Deus disse: «Haja luzeiros no firmamento dos

céus, para separar o dia da noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e os anos; servirão também de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminarem a Terra.» E assim aconteceu.” (Gn 1, 14-15). O quinto dia é consagrado aos peixes e às aves. É utilizada a designação „criar“. Deus constata a bondade da sua obra, atribuindo-lhe um sinal de fecundidade, ficando o mistério da vida intimamente ligado a Deus – “Deus disse: «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus.» Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas, e todas as aves aladas, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom. Deus abençoou-os, dizendo: «Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra.»”. (Gn 1, 20-22). Deus cria ainda os animais da terra, todos providos de fecundidade para encherem a terra.

Deus cria então o auge da sua obra: o ser humano, cria-o à sua imagem e semelhança, concedendo-lhe a fecundidade para povoar a terra e dominá-la: “dominar os peixes do mar, as aves do céu e os animais da terra” (Gn 1, 28). Deus concede ao ser humano tudo o que é útil para a sua alimentação e, mais uma vez se alegra com a sua obra.

Vimos que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Esta realidade permite-lhe e confere-lhe uma soberania sobre a natureza: “crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar” (Gn 1, 28). O termo „dominar“ aqui significa o exercício de uma autoridade, muitas vezes atribuída à realeza. Contudo, quando se fala de uma autoridade exercida à imagem de Deus, o sentido remete sempre para a autoridade como serviço⁸⁶. É essencial o exercício de uma *praxis* suportada numa intenção prudente daquele que domina, tendo em vista a conservação da vida. Poderá ser feita uma leitura cruel do texto de Gn 28, atribuindo-lhe

⁸⁶ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, 168.

o principal motivo da crise ecológica. No entanto, quando este texto foi escrito, era impensável a ideia de uma crise ecológica. O sentido que aqui se refere ao ato de dominar é à maneira de Deus, isto é, proporcionar nascimento, conservar as espécies.

O texto bíblico confere uma posição destacada do ser humano em relação aos animais, mas esta posição assinala proximidade entre eles.

Se neste primeiro relato da criação vemos o sentido de dominar a terra, não como seu impostor, mas na qualidade de serviço de qualidade, no segundo relato da criação, insiste-se na ideia de cultivar e guardar a terra. Este segundo relato identifica-se com a tradição javista que utiliza um estilo simples e recorrente de imagens. Nele é descrito também a criação da humanidade, embora a terra não se apresente estruturada, mas massa indiferenciada: O Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para a cultivar” (Gn 2, 5). Como um oleiro, é a partir da terra que Deus molda o ser humano („*adamah*”- feito a partir da terra) e lhe insufla o sopro da vida. Fala-se aqui do jardim do Éden como espaço de encontro e de comunhão entre Deus e o ser humano. Neste jardim, Deus fez crescer todo o tipo de árvores e aí colocou o ser humano com a missão de o “cultivar e, também de o guardar” (Gn 2, 15). O termo „guardar” aqui denota um sentido de cuidar. A perspectiva deste texto é teologal, uma vez que é a relação com Deus que constitui o sentido da existência humana.

O relato da queda (Gn 3, 1-24) manifesta-se de interesse para o nosso trabalho, pois transmite-nos uma imagem do mundo. Antes da queda, a harmonia do mundo era total, em que o ser humano estava em perfeita intimidade com Deus, vivendo num jardim, em paz com o cosmos. Consumada a ruptura com o compromisso divino, o conjunto das relações intrahumanas altera-se. No ecossistema divino, se o ser humano se isola rompendo a relação, perde o universo de relações que envolvem a sua existência⁸⁷.

⁸⁷ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, 172.

Este segundo relato da criação apresenta o ser humano como um ser feito inteiramente de relações. Reconhecemos-lhe uma responsabilidade perante a natureza (de cultivar e guardar) e o lugar num lado comum mas diferenciado dos restantes animais; contudo reconhecemos-lhe também a autoria da agressividade e da violência que vigoram no mundo.

Ao longo dos tempos, o relato do livro dos Génesis foi questionado no sentido de lhe atribuir a fonte da crise ecológica. Em 1967, L. White⁸⁸ apontava o dedo acusatório à tradição bíblica por estar na origem da crise ecológica que se vive, pois é na palavra divina „dominai“ que residem as causas desta crise. Mas, como vimos, não é esse o sentido veiculado pelo texto bíblico. Responsabiliza-se a tradição judaico-cristã pela tomada de poder do ser humano sobre a natureza, pela ambição de poder no seu destino de dominador da terra, a natureza foi dessacralizada e demonizada, para construir o mundo profano do ser humano. Ora, a ciência e a técnica veiculam a aquisição do poder para o ser humano ser semelhante a Deus.

O texto de Gn 1, 28 – “Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra»” sobre o qual pesa o debate tem de ter em conta o seu contexto e a época em que foi escrito. O primeiro capítulo (Gn 1) é um mito de origem ou de criação. Não se apresenta como uma ata daquilo que aconteceu no universo⁸⁹.

A frase „dominai a terra“, posta na boca de Deus não é um acrescento à criação do ser humano; é uma forma de interpretar a missão funcional do ser humano no lugar de primazia que ocupa entre os seres criados. Isto requer que o ser humano se integre no

⁸⁸ Cf. L. WHITE, “Historical Roots of our ecologic crisis”, in *Science Magazine*, Vol 155 (1907), 1203-1207.

⁸⁹ Cf. A. VAZ, “Origem da terra segundo a Bíblia- Mito e fé”, in *Biblica* 50, nº 290 (2004), 166.

mundo criado, que o encha de humanidade e administre racionalmente os seu recursos, dê sentido à sua vida⁹⁰.

Se a fé vê a natureza como obra de Deus, a postura humana não pode ser de tratá-la como aterro de lixo que cada um produz⁹¹. Logo, os crentes confiando num Deus Criador sentem o dever de amar o mundo por Ele criado. Por isso, a relação de domínio do ser humano para com a natureza é uma relação de convivência, responsabilidade e reconhecimento do valor intrínseco dela e de a pôr ao serviço do ser humano: um uso da natureza que completa o ser humano e enobrece a própria natureza⁹².

Isabel Varanda afirma que “o livro dos Génesis não nos diz o que a criação é, mas o que ela pode vir a ser. Pertence à criatura, que Deus saudou como muito boa, continuar a obra do Criador. Deus chama o não ser a ser e o ser responde sendo”⁹³. Por isso, este domínio de que nos fala o texto bíblico é um “domínio sem dominação, domínio sem violência, domínio em doçura, que já inaugura a qualidade das relações que as criaturas são convocadas a entretecer”⁹⁴.

Deste modo e como diz o Papa Francisco, é importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica e lembrar que nos convidam a cultivar e a guardar o jardim do mundo. „Cultivar“ quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, „guardar“ significa proteger, cuidar, preservar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza⁹⁵. Assim nos damos conta de

⁹⁰ Cf. A. VAZ, “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, in *Biblica* 49, nº 285 (2003), 38.

⁹¹ Cf. A. VAZ, *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*. Fundação „Ajuda à Igreja que sofre“ e Edições Carmelo; 2ª Edição, Lisboa- Marco de Canaveses, 2008, 164.

⁹² Cf. *Ibidem*, 164.

⁹³ I. VARANDA, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus Criador”, in *Theologica*, 2, 38 (2003), 287-306.

⁹⁴ *Ibidem*, 303.

⁹⁵ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 67.

que a Bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico, que se interessa das outras criaturas.

Vejamos agora o pensamento do Sl 8, como Salmo da criação. Ele nos ajudará a perceber a dimensão do louvor ao Criador e simultaneamente, o cuidado pela criação.

A fonte imediata da inspiração do salmo é Gen 1. Deus viu que tudo era bom e aprovou-o; o ser humano vê e questiona-se. Este salmo serviu de fonte de inspiração para muitos outros textos bíblicos, nomeadamente. o Sl 144, 3, Job 7, 17 no sentido oposto, onde se diz que seria melhor Deus não se ocupar do ser humano; Ecl 16, 24-30; 17, 1-12 é uma reflexão sapiencial sobre a posição do ser humano no cosmos. São comuns os temas do domínio e do louvor de Deus⁹⁶. Contudo, o Sl 8, desenquadrado da sua mensagem original, poderá conduzir ao orgulho humanista que muitas vezes constitui o ser humano altivo e soberbo em vez do ser humano respeitoso e civilizado. Por isso, um horizonte cristológico que deve ser atribuído ao salmo, salva o ser humano da arrogância intelectual devido à sua posição de destaque na criação. Esta referência deve ser constante na meditação atual do poema. É sempre necessário atribuir ao salmo um cariz cristológico, como veremos mais à frente.

Este salmo congrega em si os três agentes mais importantes da história: Deus, o ser humano e a criação. De fato, este texto é um hino à majestade do Criador e à dignidade do ser humano enquanto coroa da criação. O salmista louva o Criador, mas louva também a obra criada numa espécie de diálogo recíproco.

Confrontado este poema com as atitudes do ser humano do nosso tempo, dominado pelo tecnicismo, pelo consumismo desenfreado e pelo desprezo da natureza, facilmente se percebe o alcance deste poema, bem como o dilema inerente à própria condição existencial do ser humano. O salmista não se preocupa aqui por nos apresentar traços teológicos ou antropológicos sobre a harmonia do universo, mas pretende

⁹⁶ Cf. A. ALONSO SCHÖKEL, *Treinta Salmos, Poesía y Oración*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1986, 74.

expressar a sua concepção teocêntrica e, ao mesmo tempo, antropocêntrica, perpetuando assim os dois pólos da criação. Cantando a grandeza do Criador, o salmista não esquece também a dignidade sublime da obra criada⁹⁷. É todo este dinamismo que vemos presente ao longo da leitura deste salmo, que se segue:

1 Ao director do coro. Sobre a lira de Gat. Salmo de David.

2 Ó Senhor, nosso Deus,

como é admirável o teu nome em toda a terra!

Adorarei a tua majestade, mais alta que os céus.

3 Da boca das crianças e dos pequeninos

fizeste uma fortaleza contra os teus inimigos,

para fazer calar os adversários rebeldes.

4 Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos,

a Lua e as estrelas que Tu criaste:

5 que é o homem para te lembrares dele,

o filho do homem para com ele te preocupares?

6 Quase fizeste dele um ser divino;

de glória e de honra o coroaste.

7 Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos,

tudo submeteste a seus pés:

8 rebanhos e gado, sem excepção,

e até mesmo os animais bravios;

9 as aves do céu e os peixes do mar,

tudo o que percorre os caminhos do oceano.

10 Ó Senhor, nosso Deus,

⁹⁷ Cf. J. LOURENÇO, *Salmos: Oração do Povo de Deus*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005, 137.

como é admirável o teu nome em toda a terra!

Toda a estrutura literária deste salmo está determinada pelo termo “*que coisa, o que é?*”; (pronome interrogativo neutro) que se encontra três vezes no poema.

- Versículo 2: fala das coisas (criaturas) inanimadas;
- Versículo 5: fala do homem, rei e centro do universo;
- Versículo 10: fala das coisas animadas⁹⁸

O salmo é composto por duas partes: uma, a que os autores chamam de «antífona de inclusão» que se repete nos versículos 2 e 10: uma aclamação ao nome de Deus. Esta aclamação conferia a todo o poema um sentido litúrgico, mediante o qual o povo aclamava o poder criador de Deus, quando este era celebrado no culto. A outra parte do texto é constituída pelo corpo central (vv. 2 a 9) formado por dois cenários:

- Versículo 2 a 5: primeira cena cósmica: protagonistas são a onipotência de Deus e o ser humano;
- Versículo 6-9: segunda cena cósmica: os protagonistas se alternam, o poder humano e Deus.

O espaço que é abarcado pelo salmo situa-se a três níveis: céu, terra e mar. Isto confere-lhe uma dimensão universal, pois trata-se da criação em toda a sua amplitude.

Estamos, por isso, diante de um hino em que a sua estrutura é composta por: introdução, corpo central do texto e conclusão. Estamos em presença da mais difundida das formas líricas da Escritura e trata-se de um canto de louvor. Este tipo de composição que na poesia extrabíblica era usado para celebrar os deuses e heróis, na Bíblia celebra apenas Deus com os seus atributos, as Suas obras de criador e salvador de Israel.

⁹⁸ Cf. J. LOURENÇO, *Salmos: Oração do Povo de Deus*, 140.

A introdução é, antes de mais, uma aclamação a Deus. No corpo central do texto louva-se a Deus na segunda pessoa, descrevendo a obra da Criação e no seu auge a criação do ser humano. O texto termina com uma fórmula análoga à do início.

Quanto à situação existencial que os hinos refletem, esta pode vir expressamente indicada no poema e é normalmente uma circunstância de âmbito cultural⁹⁹. De acordo com esta perspectiva procura-se interpretar os hinos tendo como cenário atos ou festas culturais. Contudo, não nos parece e nada aponta neste sentido, que haja um cenário extraordinário de pretensas festas em que eram compostos estes textos¹⁰⁰.

Neste tipo de hinos, Deus é sempre saudado como rei e a sua realeza não é circunstancial, mas original, não é apenas nacional, mas universal, não depende de influências externas, mas antes radica na fé no Criador, mesmo que essa conceção seja tardia. A fé no Deus criador não radica numa festa, nem é criada por uma festa qualquer; é antes a consequência direta e primeira da Sua identidade e do Seu poder.

Apesar deste salmo retratar o acontecimento da criação, abre-se ao futuro e, por isso tem uma vertente escatológica, uma vez que a criação e salvação não são mais do que dois momentos da mesma e única realidade.

Façamos agora uma breve análise da mensagem deste salmo. No que se refere ao seu título, encontramos a habitual alusão a David. Quanto ao corpo do texto, este inicia e conclui com a aclamação ao nome de Deus. É Ele o protagonista de quase todas as ações que aqui são descritas. Deus está, de fato, no centro deste salmo. Podemos dizer que logo na aclamação inicial, o salmista alarga a toda a terra o grito próprio da liturgia de Jersusalém e do Templo. Pretende assim criar uma espécie de liturgia universal que celebra a magnificência de Deus a partir da grandeza do homem e da beleza das criaturas¹⁰¹. A majestade divina estende-se assim em duas dimensões, em duas

⁹⁹ Cf. J. LOURENÇO, *Salmos: Oração do Povo de Deus*, 81.

¹⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 84.

¹⁰¹ Cf. *Ibidem*, 143.

coordenadas: uma vertical entre o céu e a terra e outra horizontal, abarcando todas as criaturas à face da terra.

Segue-se então a primeira cena cósmica: A onipotência divina e o homem¹⁰². Assim, depois da aclamação introdutória, temos um convite ao louvor à majestade divina: *Adorarei a tua majestade, mais alta que os céus* (vv. 2). Trata-se de uma forma de exprimir a vontade em querer associar-se à liturgia celeste, mas também à liturgia silenciosa e muda das crianças que cantam a glória de Deus: *Da boca das crianças e dos pequeninos fizeste uma fortaleza contra os teus inimigos, para fazer calar os adversários rebeldes* (vv. 3). As crianças e meninos de peito são convidados a fazê-lo no silêncio do balbuciar. O salmista contrapõe depois a meninos e lactantes três classes de inimigos e opositores de Deus: inimigos, adversários e rebeldes. Deus tem no céu, onde a Sua majestade se manifesta, uma espécie de baluarte, de fortaleza contra tais adversários e quem disso é testemunha são os frágeis e indefesos meninos de peito. O contexto parece aludir a inimigos míticos, cósmicos que a própria literatura bíblica conhece e que faziam parte do património cultural do Médio Oriente. São os dragões das águas (Sl 74, 13) ou os símbolos do vazio e da nulidade (Job 40-41) que ameaçam constantemente a criação.

Quanto ao versículo 4, temos apenas uma narração lírica da criação, no entanto, não se trata de um texto descritivo nem de carácter normativo, como é o texto de Gn 1¹⁰³.

Diante do contraste que vimos, outro se ergue, motivado pela interrogação do versículo 5: *que coisa é o homem?* Parece que o salmista pretende dizer que face à grandeza de Deus antes descrita, o ser humano não é nada. O termo „*enosh*“, tipicamente semita, designa o ser humano na sua condição frágil, na sua precaridade, sendo por isso objeto da solicitude de Deus. O resultado desta questão feita pelo

¹⁰² Cf. G. RAVASI, *Il libro deli Salmi. Commento e attualizzazione*, Edizioni Dehoniane, Bologna, 1996, 194.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, 196.

salmista apresenta-se altamente positivo naquilo que concerne ao homem e à sua dignidade que aqui é reforçada¹⁰⁴.

O cuidado de Deus a respeito do ser humano é expresso por dois verbos. O primeiro significa „recordar“, o segundo significa „cuidar de, visitar, preocupar-se com“. Já vamos ver a consequência de que este cuidado terá para o ser humano.

A segunda parte do texto (vv 6-9) é, como já vimos, um hino ao ser humano, enquanto expressão máxima da criação. Tal como Deus, também o ser humano é-nos apresentado em glória e esplendor. Todavia, a glória do ser humano não é própria, não lhe pertence, é como um dom que Deus lhe dá. A tradição rabínica estabelece aqui uma relação entre o ser humano e os anjos (os seres celestes); os anjos seriam superiores ao ser humano, pois não pecam, mas seriam inferiores ao ser humano, porque não têm a *Torah*, outros autores atribuem esta supremacia do ser humano ao fato de ter sido criado imagem de Deus. Não temos aqui um confronto Deus-homem na ordem da essência, mas sim uma relação funcional, de respeito sim a uma função que Deus concede ao ser humano. Este com dignidade real, a imagem e o representante de Deus na terra, não é um só, uma exceção que se sente elevado acima dos outros homens e os domine com o seu desprezo. O homem com dignidade real é, pelo contrário, todo o homem, seja ele poderoso ou miserável, rico ou pobre, masculino ou feminino, adulto ou criança.

O texto termina com a descrição do domínio do ser humano sobre a criação: vv. 7-9. Nos versos anteriores, refletimos sobre a essência do ser humano, agora temos a sua função face ao conjunto da criação. O ser humano tem um poder conferido por Deus face à totalidade do horizonte terrestre. Daqui resulta uma responsabilidade acrescida para o ser humano. Efetivamente este domínio do ser humano não é uma conquista pessoal sua, não é também um poder usurpado de Deus, não é também a conceção de um homem auto-suficiente como propõe hoje a tecnologia moderna. Ao contrário de

¹⁰⁴ Cf. G. RAVASI, *Il libro deli Salmi. Commento e attualizzazione*, 197.

tudo isto, o Sl 8 recorda que se trata de um domínio que é dom de Deus e que, por isso, o seu uso é um serviço à criação e em favor, não só dos animais, mas de toda a humanidade, sobretudo dos mais fracos e indefesos da sociedade. Por isso, o salmista congrega sob o domínio do ser humano a totalidade das obras criadas por Deus.

Deste modo, e numa perspetiva ecológica, este texto é um hino à harmonia da criação, uma harmonia dinâmica e aberta ao futuro, em que a função e a responsabilidade do ser humano na conservação desta harmonia é posta em evidência. Não se trata apenas de respeitar as demais criaturas, mas antes porque elas partilham e participam da dignidade do seu criador. Tudo isto foi confiado ao ser humano, sendo ele o seu administrador.

2. A ecologia nos documentos da Igreja Católica

A inquietação com os problemas suscitados pela degradação do meio ambiente apenas se manifestou de forma algo tardia na década de 70 do século passado. A primeira abordagem encontra-se na Carta Apostólica de Paulo VI, *Octogesima Adveniens* do ano de 1971. No entanto, é importante dizê-lo, a Igreja está atenta aos sinais dos tempos, envolvendo-se como é da sua missão. Já no documento *Sollicitudo Rei Socialis* (1987), o Papa João Paulo II faz uma alusão à questão do respeito por todos os seres criados¹⁰⁵, o que demonstra já aqui o cuidado que se deve ter com toda a humanidade. Na alocução do Dia Mundial da Paz, em 1990, intitulada *Paz com o Criador e com toda a criação*, João Paulo II alertou para a “falta de respeito devido à

¹⁰⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, nº 34.

natureza, a desordenada exploração dos seus recursos e a progressiva deterioração da qualidade de vida”¹⁰⁶.

É intenção deste ponto do nosso trabalho mostrar que a Igreja e o seu Magistério estão abertos a um empenhamento profundo com as questões ecológicas e ambientais, apelando à construção de uma “consciência ecológica”, de modo a dar resposta a inúmeras questões emergentes. De seguida abordaremos, com algum detalhe, alguns dos documentos e iniciativas que, no âmbito deste trabalho, entendemos por mais relevantes.

No âmbito da reflexão sobre ecologia ambiental e debruçando-nos na questão da ecologia humana, podemos encontrar alguns traços de síntese na Carta Encíclica *Redemptor Hominis* (1979) do Papa Paulo VI. Neste documento, refere-se que com o progresso assistimos a um afastamento das referências de ordem moral, dos valores da justiça e da solidariedade social. Assinala-se o desequilíbrio que existe entre países ricos e países pobres. Reconhece-se ainda a necessidade *de* “uma verdadeira conversão das mentes, das vontades e dos corações”¹⁰⁷. Assim, o dever primeiro do poder é cuidar do bem comum, e tal só é alcançado se estão salvaguardados os direitos dos cidadãos e de cada ser humano, entre os quais o direito à liberdade religiosa e à liberdade de consciência.

O Papa questiona ainda a razão porque aquele poder, que Deus concedeu ao ser humano com o dom de dominar a terra, se volta contra a humanidade, daí emergindo inquietudes e um inconsciente medo. Neste sentido, lembra a vontade do Criador “que o

¹⁰⁶ JOÃO PAULO II, *Paz com o Criador e com toda a Criação*, Mensagem para a Celebração do 23º dia Mundial da Paz, 1990, in https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html (Consultado em 24 de Abril de 2016).

¹⁰⁷ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptor Hominis*, nº 16.

ser humano comunicasse com a natureza como „senhor“ e „guarda“ inteligente e nobre, e não como „desfrutador“ sem respeito algum”¹⁰⁸.

Na Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, o mesmo Papa João Paulo II reflete que o ser humano tem algo de comum com os outros seres criados, mas é interpelado a cuidar deles; quando o jardim paradisíaco foi a sua morada, foi-lhe atribuída a missão de dominar sobre elas e cuidar das outras criaturas, mas dentro dos limites expressos que estão aquém da posse e domínio indiscriminado¹⁰⁹. O ser humano tem um dever para com todos, com vista a um desenvolvimento que promova os direitos humanos, respeitando todos os seres criados tendo em conta a sua natureza específica e as interações com todas as criaturas¹¹⁰. Retomando a ideia do documento anterior, estamos diante uma mudança de mentalidade no sentido de “*conversão*”¹¹¹.

Ainda é de destacar alguns pontos de reflexão presentes na Mensagem “*Paz com o Criador e com toda a Criação*” (1990), onde o Papa João Paulo II sublinha que as injustiças praticadas no mundo estão na base da crise, tornando-se urgente uma nova solidariedade, dedicada aos países menos desenvolvidos¹¹². Desta forma, sublinha que nunca haverá um justo equilíbrio ecológico se não forem combatidas as formas de pobreza no mundo¹¹³. Verifica-se ainda que a norma capaz de inspirar um progresso económico é o respeito pela vida e pela dignidade da pessoa humana¹¹⁴.

¹⁰⁸ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptor Hominis*, nº 15.

¹⁰⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, nº 29.

¹¹⁰ Cf. *Ibidem*, nº 30-34.

¹¹¹ Cf. *Ibidem*, nº 35-40.

¹¹² Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem*, “*Paz com o Criador e com toda a Criação*”, nº 10.

¹¹³ Cf. *Ibidem*, nº 11.

¹¹⁴ Cf. *Ibidem*, nº 7.

Como veremos, mais à frente, o Papa João Paulo II já introduz neste documento a importância de uma educação para a responsabilidade ecológica, responsabilidade essa que é de caráter reflexivo, realizada na alteridade, perante o meio ambiente.

Outra Carta Encíclica importante para o nosso tema é a *Evangelium Vitae* (1995). Nela se refere que é a questão ecológica o que se refere à preservação do „habitat“ natural das diversas espécies animais, mas também aquilo que se refere à ecologia humana propriamente dita. Aqui abre-se já uma reflexão àquilo que chamamos ecologia humana. Afirma-se que “o domínio confiado ao homem pelo Criador não é um poder absoluto, nem se pode falar da liberdade de „usar e abusar“, ou de dispor das coisas como melhor agrade”¹¹⁵.

É sobretudo na Carta Encíclica *Caritas in Veritate* que se menciona de uma forma direta o conceito de ecologia humana. “Assim, pois além da ecologia e da natureza há uma ecologia que podemos chamar humana¹¹⁶ o que , por sua vez requer uma ecologia social”¹¹⁷. Vemos então que, associado ao conceito de ecologia humana está, sem dúvida a ecologia social. O ser humano só se realiza numa relação sã com as outras criaturas. Por isso, “a ecologia humana condiciona positivamente a ecologia ambiental porque o sistema ecológico insere-se num projeto onde se inscreve, a sã convivência em sociedade dos seres humanos entre si, e entre estes e a natureza”¹¹⁸.

Não podemos deixar de concluir este ponto dizendo que o Deus de Jesus Cristo nos mostra que a vida não é o prémio dos fortes e que o segredo da vida não é a dominação pela força, mas o domínio em doçura. O Deus na evolução diz-nos que os pobres, os aleijados, os cegos não são danos colaterais, inúteis resíduos, desperdícios irrelevantes da evolução¹¹⁹. No seio da criação evolutiva, surge o *homo sapiens* capaz

¹¹⁵ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, nº 42.

¹¹⁶ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, nº 51.

¹¹⁷ *Ibidem*, nº 52.

¹¹⁸ *Ibidem*, nº 51.

¹¹⁹ Cf. I. VARANDA, “A ecologia como chave hermenêutica da criação e da evolução”, in *Theologica* 45, 2 (2010), 463.

de humanizar, capaz de “amorizar” o universo, isto é a evolução da criação conta com um ser ético¹²⁰. Justamente porque o ser humano é dotado de liberdade, tem nas suas mãos o poder de construir ou destruir, gerando o verdadeiro progresso ou comprometendo o seu futuro e o da humanidade. Depende das opções que souber fazer.

3. A novidade da Encíclica *Laudato Si*

Depois de termos abordado a questão ecológica com alguns traços da ecologia humana, nomeadamente na Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, veremos como o Papa Francisco na sua Encíclica *Laudato Si*, retoma este conceito, integrando-o em algumas áreas da sociedade. Vemos então que um conceito chave para compreender esta Encíclica é a ecologia integral. Abordaremos este conceito especificamente no ponto seguinte. Neste ponto veremos então a novidade que esta Encíclica encerra para o debate atual acrescentando algumas linhas de orientação e ação que o Papa nos apresenta.

Este documento tem como mensagem central uma frase repetida ao longo do texto “tudo está conectado”. Por isso, não é possível falar de uma proteção ambiental, sem que esta envolva também a proteção ao ser humano, sobretudo o mais pobre e débil da sociedade¹²¹. Há uma urgência que foi revelada na *Laudato Si* e que não pode ser descurada: a responsabilidade.

Com esta Encíclica, o Papa incentiva as pessoas crentes a buscar nas profundezas das suas crenças religiosas „tesouros éticos e espirituais” para levar para o diálogo com os cientistas, tecnólogos e movimentos ecológicos, com o objetivo de

¹²⁰ Cf. I. VARANDA, “A ecologia como chave hermenêutica da criação e da evolução”, 463.

¹²¹ Cf. C. RITTL, “Laudato Si: a novidade que provoca e agita a agenda ambiental”, in *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Edição Online, Nº 469 (2015), 52.

resolver problemas e nos converter para viver de formas que promovam o florescimento da Terra¹²². A respeito da Ecologia integral, é necessário levar todos os aspetos da vida humana em consideração: ambientais, económicos, sociais, científicos e tecnológicos, quando nos envolvemos em diálogo sobre uma conversão ecológica que leve ao cuidado da terra. O Papa alerta para uma “humanidade autêntica”¹²³, em que “recuperemos a profundidade da vida”¹²⁴ para “diminuir a marcha e olhar a realidade de outra forma” do que aquela que o paradigma tecnocrático abrange, “recuperar os valores e os grandes objetivos levados de roldão pelas nossas ilusões desenfreadas de grandeza”¹²⁵.

O Papa busca um entendimento dos problemas da degradação da Terra a partir da realidade contemporânea de forma ampla e interdisciplinar, analisando desde as causas fundamentais desses problemas. “Para o Papa – assim como para muitos especialistas em ética ambiental e social do presente –, os problemas da pobreza e da degradação ambiental estão ligados e remetem a estruturas mais amplas de economias que não estão orientadas para objetivos verdadeiramente morais, que sustentem a vida”¹²⁶. Ele apresenta a sua interpretação bíblica da história de Caim e Abel e do que significa ser “guarda do irmão”, o que estende ao planeta. Mas o que é novo é que Francisco está a dar sustentação às causas dos problemas ecológicos e propondo um contexto de atenção unificador para a equidade e a ecologia e identificando causas fundamentais desses problemas, que, na sua perspectiva, são tanto estruturais quanto morais. Ecologia, aqui, é um termo mais amplo do que “meio ambiente” (embora o inclua). Esse termo se refere às relações fundamentais das quais a nossa vida depende.

¹²² Cf. J. SHAEFER, “O despertar da consciência”, in *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Edição Online, Nº 469 (2015), 111.

¹²³ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 112.

¹²⁴ *Ibidem*, nº 113.

¹²⁵ *Ibidem*, nº 114.

¹²⁶ J. SANTOS, “O novo e o velho na Encíclica de Francisco”, in *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Edição Online, Nº 469 (2015), 116.

Alguns eixos atravessam toda a Encíclica. Por exemplo: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida. Estes temas nunca se dão por encerrados nem se abandonam, mas são constantemente retomados e enriquecidos.

De destacar que a *Laudato Si* é “um manifesto de vida boa” para todas as criaturas. É um manifesto de não resignação e de não passividade. É um manifesto de responsabilidade: “o destino comum obriga-nos a procurar um novo início”¹²⁷. Esta Encíclica destaca que a Terra ferida e os pobres despossuídos são protagonistas de processos de luta e transformação. É o primeiro documento pontifício a adotar uma perspectiva sistémica e holística- “tudo está interligado com tudo”¹²⁸. Na Exortação apostólica, *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco falava *ad intra*, como pastor que se dirige aos membros da Igreja, a fim de mobilizá-los para um processo de reforma missionária. Na Carta Encíclica *Laudato Si*’, Francisco, o irmão do mundo, dialoga *ad extra* “com todos acerca da nossa “Casa Comum”¹²⁹.

Nesta Encíclica está presente uma ideia importante: o ser humano é relação, por isso a qualidade de vida e a convivência depende da qualidade das relações, a saúde da terra depende da sustentabilidade dessas relações¹³⁰.

¹²⁷ I. VARANDA, “Laudato Si. «Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada»” (LS § 67), in *Semanário Ecclesia*, Nº 1485 (2015), 41.

¹²⁸ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 16.

¹²⁹ *Ibidem*, nº 3.

¹³⁰ Cf. E. BIANCHI, “Laudato si’: o undécimo mandamento”, in *Jornal La República*, 22 Junho 2015, <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543741-laudato-si-o-undecimo-mandamento-artigo-de-enzo-bianchi>. (Consultado em 22 de Março de 2016).

Há uma novidade nesta Encíclica: é a primeira vez que numa Encíclica Papal são citados textos de cristãos pertencentes a outras Igrejas, como por exemplo, o Patriarca Ecuménico Bartolomeu chamado o „patriarca verde“ pela sua atenção rigorosa à Ecologia. Entre os autores citados está também a presença do filósofo protestante Paul Ricoeur. A surpresa maior é a referência a um mestre espiritual Ali-Khawwas, místico muçulmano do século XV. Deste modo, a Encíclica tem um fôlego católico, ecuménico e capaz de reconhecer a busca e a sabedoria das gentes da terra.

O Papa Francisco não apenas relê as páginas do Génesis que narram a criação de todo o cosmos por obra de Deus, mas também o faz como cristão, através do Novo Testamento, e compreende a criação como obra trinitária, ou seja, como obra de Deus cumprida através do Filho, a Palavra, na força do seu companheiro inseparável, o sopro, o Espírito. Mas sobre esse fundamento teológico o Papa Francisco faz surgir duas exigências como eixos sustentadores da Encíclica: consciência e responsabilidade. Consciência da situação-limite a que os nossos comportamentos – individuais, coletivos, políticos, económicos – levaram a "nossa mãe Terra"; consciência da irreversibilidade de certos processos já desencadeados, da urgência de uma mudança de mentalidade e de ação, da necessidade de fazer frente comum para acabar com a degradação e inverter a rota. Consciência, também, da espiral perversa iniciada pela "tecnologia, que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas"¹³¹. E responsabilidade: pelo bem comum, acima de tudo. Pela criação que foi confiada ao ser humano "para que a cultivasse e a guardasse". Não, portanto, para que a dominasse como padrão absoluto, mas a gerisse como "administrador responsável".

Outra novidade desta mensagem é o fato de saber conjugar o tema da justiça social com o tema da ecologia, até agora tratados de modo separado. Francisco definiu a “ecologia integral”, que não é, sobretudo, esta ecologia profunda que pretende converter

¹³¹ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 20.

ao culto da Terra e subordinar tudo a ela. Ele mostra que a ecologia toca profundamente as nossas vidas, a nossa civilização, os nossos modos de agir, os nossos pensamentos¹³².

Na mesma linha do que temos visto até aqui, merecem a nossa atenção alguns enfoques teológicos presentes neste documento:

- A Igreja vive no mundo, por isso nada do que se refere ao mundo lhe é indiferente;
- É a primeira vez que vemos num documento papal um discurso sistemático sobre a realidade ecológica e a sua problemática;
- O Papa convida a entrar em diálogo com todos acerca da nossa “Casa Comum”¹³³ e sobre o modo como estamos a construir o futuro do planeta¹³⁴.
- O Papa aposta numa argumentação decididamente otimista, de modo a unir toda a família humana na busca do desenvolvimento sustentável e integral¹³⁵.

O Papa Francisco reflete na sua Encíclica acerca do relato do capítulo 1 do Livro dos Génesis, sem, no entanto, deter-se em pontos de carácter científico, mas apontando-o como referência poética e mitológica de carácter religioso que expressa uma harmonia ecológica global, isto é a visão de um universo esplêndido querido por Deus.

Podemos afirmar que a intenção primeira da Encíclica consiste na tomada de consciência explícita da grave situação ecológica atual e, conseqüentemente um convite a todos (com enfoque particular para os cristãos) a entrar num processo de educação e conversão ecológicas, como veremos no último ponto deste trabalho. Como consequência, o Papa adota uma postura íntegra e propõe uma ecologia de carácter totalizador, isto é, adota uma perspectiva holística da ecologia.

¹³² Cf. E. MORIN, “A Laudato Si” é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização”. Entrevista com Edgar Morin, in *Journal La Croix*, 21 Junho 2015, <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543811-a-laudato-si-e-talvez-o-ato-numero-1-de-um-apelo-para-uma-nova-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin> (Consultado em 24-3-2016).

¹³³ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 3.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, 14.

¹³⁵ Cf. M. RUBIO, “Laudato Si”: Una teología de la creación en perspectiva ecológica”, *Revista Moralia* 39 (2016), 90.

A *Laudato Si* é claramente uma “Teologia da Criação”, ou uma Ecologia Teológica, com cariz teológico¹³⁶. Dentro deste horizonte holístico adotado, a Encíclica propõe:

- uma *teologia*- Deus é como que a força transcendente no âmbito ecológico;
- uma *antropologia*- o homem constitui o valor primordial na ordem ecológica. No entanto a Encíclica rejeita qualquer tipo de antropocentrismo exarcebado;
- uma *cosmologia*- o mundo/natureza aparecem desmistificados e multidimensionais;
- Uma *ética*- um estilo de vida determinado pelo *ethos* ecológico que aposta no compromisso responsável no cuidado da “Casa Comum”;
- Uma *espiritualidade*- que possibilita um desenvolvimento humano e social mais sã e fecundo¹³⁷.

O Papa afirma ainda a riqueza que as religiões podem oferecer para uma ecologia integral e para o desenvolvimento pleno da humanidade¹³⁸. Neste sentido, será necessário o diálogo entre a ciência e a religião, as soluções também chegarão através das diversas riquezas culturais dos povos, aqui aparecem também de forma relevante as motivações religiosas, nomeadamente o contributo do Cristianismo no cuidado da natureza. Neste sentido, também se destacam aqui com um contributo importante os textos bíblicos que nos convidam a cuidar do jardim do mundo (Gn 2,15). *A Laudato Si* destaca assim, o significado da natureza como “criação de Deus”. Para a tradição judaico-cristã dizer „criação” é mais do que dizer simplesmente natureza, porque tem que ver com um projeto de amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado.

A Encíclica introduz o conceito de pecado ecológico e define-o como ruptura da harmonia na relação entre Deus-homem-criação. Dá assim exemplos de alguns pecados ecológicos como: o abuso da criação, o intenso antropocentrismo do homem moderno e

¹³⁶ Cf. M. RUBIO, “Laudato Si’: Una teología de la creación en perspectiva ecológica”, 96.

¹³⁷ Cf. *Ibidem*, 97.

¹³⁸ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 62.

a cultura da degradação ecológica. A Encíclica traça um quadro de uma ecologia respeitadora e responsável com a criação, apontando para uma conversão ecológica global, a vivência das virtudes ecológicas, a comunhão ecológica e o paradigma ecológico „Jesus de Nazaré“ realçando a sua harmonia plena com a criação.

Podemos perguntar-nos: que imagem antropológica faz referência a *Laudato Si*? Sem dúvida, temos a imagem do humano com alto teor positivo. O ser humano é criado por amor à imagem e semelhança de Deus e, por isso, possui uma dignidade infinita. Recebe de Deus o dom da vida e o encargo de proteger o mundo de toda a forma de destruição. Junto aos elementos positivos, o Papa refere alguns sinais negativos, como por exemplo, quando o ser humano se coloca a si mesmo no centro, fazendo com que a realidade circundante se torne pouco significativa para ele. Logo, podemos ver aqui que a dimensão social é um aspeto muito marcante nesta Encíclica. Aqui temos como principais preocupações do Papa, a dedicação aos pobres, sujeitos mais prejudicados da crise ecológica e a preocupação com as gerações futuras.

A imagem do mundo que sobressai na Encíclica é de que o mundo é bom, por isso Deus fez e quer uma criação harmoniosa, neste sentido o ser humano é chamado a participar neste projeto originário de Deus.

Para terminar, o Papa estabelece algumas linhas de orientação com vista a uma espiritualidade ecológica, destacamos o fomento da cultura do cuidado. Este cuidado da natureza é parte de um estilo de vida que implica capacidade de convivência e de comunhão¹³⁹. Este cuidado da natureza tem de ter por base a conversão ecológica principalmente da comunidade cristã, conversão esta que tem uma base interior, mas também social. A *Laudato Si* convida a buscar soluções não apenas na técnica, mas na mudança do modo de vida do ser humano.

¹³⁹ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 228.

4. A necessidade de uma ecologia integral

Como vimos no ponto anterior, uma das linhas de orientação para compreendermos a *Laudato Si* é, sem dúvida, o enfoque que o Papa dá à Ecologia Integral, integrando, deste modo, um sentido humano à ecologia. O Papa insiste mesmo nesta frase que é como que a linha mestra deste ponto: “tudo está interligado”¹⁴⁰. A própria referência ao meio ambiente engloba uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que o habita. Por isso, a natureza não é algo separado de nós, ou como uma mera moldura na nossa vida. Isto faz-nos pensar que não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental. Por isso, a sua solução também deve ser integral.

A par do património natural, encontra-se igualmente ameaçado um património histórico e cultural. Por isso, a ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade.

É de especial destaque a ligação que o Papa faz, fazendo referência a Bento XVI, entre a aceitação do corpo e o cuidado da “Casa Comum”¹⁴¹. Uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica de domínio sobre a criação. Por isso, aprender a aceitar o corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. Por outro lado, a ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio que desempenha um importante papel na ética social¹⁴². O bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana com direitos fundamentais para o seu desenvolvimento integral. O bem comum requer a paz social e a justiça distributiva, princípios que o Estado deve defender e promover. Como vemos, o Papa articula a perservação do meio ambiente com a defesa da justiça social.

¹⁴⁰ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 138.

¹⁴¹ Cf. *Ibidem*, nº 155.

¹⁴² Cf. *Ibidem*, nº 156.

O que é importante perceber é que todos somos parte da natureza e fazemos parte de uma „Ecologia Integral“. Este conceito tem de ser ensinado em todas as escolas, desde a mais tenra idade¹⁴³.

O Papa Francisco assume o termo „ecologia“ não no significado genérico e frequentemente superficial de alguma preocupação „verde“, mas no sentido bem mais profundo de entendimento de todos os sistemas complexos, cuja compreensão requer que se ponha em primeiro plano a relação das partes singulares entre si e com o todo¹⁴⁴. O Papa Francisco resgata a visão integral da “Casa Comum”, onde não se pode separar o teológico, o antropológico e o cosmológico¹⁴⁵.

Esta visão integral que se interliga à ecologia é posta também em evidência através do modo como o Papa se dirige “a cada pessoa que habita neste Planeta”¹⁴⁶ para assim falar de um tema tão compartilhado como a “Casa Comum”.

A visão da ecologia integral *integra* de fato todas as coisas num grande todo dentro do qual nos movemos e somos. Deste nexos de relação de todos com todos, o Papa o faz derivar de um dado teológico. Deus-Trindade é por essência relação eterna e simultânea entre as três divinas Pessoas. Se Deus-Trindade é relação, então tudo no universo é também relação¹⁴⁷. Por isso, a Encíclica assume o novo paradigma contemporâneo segundo o qual tudo forma um grande todo com todas as realidades

¹⁴³ Cf. V. RAMANATHAN, “Ecologia Integral, um olhar científico sobre o conceito”, *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Edição Online, Nº 469 (2015), 31.

¹⁴⁴ Cf. G. COSTA, “Tudo está em relação, tudo é conexo”. A 'Laudato Si' e a ecologia integral do Papa Francisco, in *Rivista Aggioramenti Sociali*, 22 Junho 2015
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543753-tudo-esta-em-relacao-tudo-e-conexo-a-laudato-si-e-a-ecologia-integral-do-papa-francisco> (Consultado em 12 de Abril de 2016).

¹⁴⁵ Cf. J. C. SIQUEIRA, “Laudato Si” e o resgate de uma relação integral entre Deus e a criação”. Entrevista especial com Josafá Carlos de Siqueira, 23 Junho 2015, in <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/543798-laudato-si-e-o-resgate-de-uma-relacao-integral-entre-deus-e-a-criacao-entrevista-especial-com-josafa-carlos-de-siqueira> (Consultado em 25 de Abril de 2016).

¹⁴⁶ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 13.

¹⁴⁷ Cf. L. BOFF, “Ecologia integral. A grande novidade da Laudato Si'. Nem a ONU produziu um texto desta natureza”. Entrevista especial com Leonardo Boff, 18 Junho 2015, in <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/543662-ecologia-integral-a-grande-novidade-da-laudato-si-qnem-a-onu-produziu-um-texto-desta-natureza-entrevista-especial-com-leonardo-boff> (Consultado em 2 de Maio de 2016).

interconectadas, influenciando-se umas às outras. É importante percebermos que dentro desta ecologia integral, se incluem a ecologia político-social, cultural, a educacional, a ética e a espiritual. A Encíclica nos poderá servir de instrumento educativo para apropriarmo-nos desta visão inclusiva e integral. Por exemplo, como se faz referência na Encíclica: “quando falamos de ambiente referimo-nos a uma particular relação entre a natureza e a sociedade; isso nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós....somos incluídos nela, somos parte dela”¹⁴⁸.

¹⁴⁸ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 139.

Capítulo IV

Princípios ecológicos aplicados na educação

Como vimos no capítulo anterior, uma das novidades da Encíclica *Laudato Si*, de entre muitas outras é, sem dúvida a reflexão sobre a ecologia integral. Ora um dos aspetos da ecologia integral é relativo à educação. Este capítulo tem como objetivo refletir sobre a ecologia integral, agora aplicada à educação.

Faremos esta reflexão através de alguns pontos de reflexão concretos ajudados com o contributo da *Laudato Si*, nomeadamente, veremos algumas linhas de orientação práticas relativas ao modo como devemos aplicar os princípios ecológicos também na educação.

Refletiremos também a ecologia na perspetiva do cuidado e como este cuidado deve também estar presente no aspeto educacional. E, por fim, como conclusão deste capítulo e uma vez que este trabalho trata de um relatório final de Prática de Ensino Supervisionada, veremos qual o contributo de EMRC para uma espiritualidade ecológica que tenha em conta uma ecologia integral.

Depois de procurarmos apresentar uma fundamentação ético-teológica da nossa responsabilidade ecológica, é necessário vermos agora e tentarmos aplicar alguns princípios ecológicos no nosso modo de agir. Veremos então, ajudados pelo Papa Francisco, a necessidade de um apelo a outro estilo de vida.

1. O apelo a outro estilo de vida

Hoje, mais do que nunca, a natureza não pode ser separada da cultura, pelo que é preciso pensarmos nas interações entre os ecossistemas e os contextos sociais e

individuais. Não são somente as espécies animais e vegetais que se extinguem; também as palavras, as frases, o calor das conversas, os gestos de solidariedade humana vão desaparecendo dia-a-dia. Deste modo, a crise ecológica ambiental é apenas a ponta do *iceberg*, a parte visível e explorada. Ela manifesta um mal profundo e mais vasto que afeta as formas de ser e de viver hoje em sociedade.

A ecologia social, como temos vindo a falar, deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas a todos os níveis do social, do psíquico e da intersubjetividade. Ela vem acrescentar à dimensão das relações homem-natureza a dimensão de homem-a-homem, de corpo-a-corpo, de coração-a-coração¹⁴⁹.

A perda de relações harmoniosas e fecundas com a natureza, com os outros e consigo mesmo provoca ruturas que se radicalizam na crise ecológica propriamente dita, crise nas relações entre o ser humano e a natureza, na crise da interioridade (radicalizada no individualismo contemporâneo) e na crise da alteridade. Por isso, as relações que os pessoas estabelecem entre si vão reproduzir-se na relação quotidiana que têm com a natureza.

A própria ecologia pode ser olhada como “possível lugar de transcendência”, um lugar do quotidiano onde e a partir do qual uma abertura à transcendência pode acontecer¹⁵⁰. Isto implicará, em primeira instância, um trabalho de recuperação da confiança da humanidade nela mesma.

Vejamos agora então, algumas linhas de orientação que nos aponta o Papa Francisco na *Laudato Si*. Porque habitamos num mundo interdependente, importa procurar que as soluções sejam propostas a partir de uma perspetiva global e não apenas para defesa dos interesses de alguns países. Para enfrentar os problemas, torna-se

¹⁴⁹ Cf. I. VARANDA, “A Salvação Ecológica”, in *Cadernos ISTA*, Nº 11 (2001), 116.

¹⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 118.

indispensável um consenso mundial que leve, por exemplo a desenvolver formas de energia renováveis pouco poluidoras ou a garantir a todos o acesso à água potável.

A maior parte dos habitantes do Planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem um diálogo entre si, no cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção de um sentido de respeito e de fraternidade. É indispensável também um diálogo entre as próprias ciências, de modo a evitar que se fechem nos limites da própria linguagem, impedindo de enfrentar adequadamente os problemas do meio ambiente. Torna-se necessário um diálogo aberto e respeitador dos diferentes movimentos ecologistas.

A gravidade da crise ecológica obriga-nos a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade¹⁵¹. É a humanidade que precisa de mudar; falta a consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Surge, deste modo, um importante desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração.

Não pensemos só na possibilidade de terríveis fenómenos climáticos ou de desastres naturais, mas também nas catástrofes resultantes das crises sociais, pois a obsessão por um estilo de vida consumista, só poderá provocar violência e destruição recíproca. No entanto, o ser humano capaz de tocar o fundo da degradação, pode também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se.

A *Carta da Terra*, da qual já enunciamos neste trabalho, convidava-nos a todos, a começar de novo, deixando para trás uma etapa de autodestruição. É necessário, para isso, o desenvolvimento de uma consciência universal que o torne possível. “Como nunca antes na história, o destino comum obriga-nos a procurar um novo início (...) Que o nosso seja um tempo que se recorde pelo despertar duma nova reverência face à vida,

¹⁵¹ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 201.

pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela intensificação da luta em prol da justiça e da paz e pela jubilosa celebração da vida”¹⁵².

Está sempre ao alcance do ser humano desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Sem esta capacidade, não se reconhece às outras criaturas o seu valor. A atitude de se autotranscender, rompendo com a consciência isolada é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente¹⁵³. Quando somos capazes de superar o individualismo que muitas vezes nos habita, cuidando daquilo que nos foi confiado, pode-se desenvolver um estilo de vida alternativo, tornando-se possível uma mudança significativa na sociedade.

2. A ecologia na perspectiva do cuidado

É objetivo deste ponto refletir a ecologia na perspectiva do cuidado. A categoria do cuidado pode ser crucial para uma vida realizada e uma via para o fazer é através da educação. Conscientes de que a educação muda as pessoas e que, através delas se pode melhorar o mundo, é de todo pertinente formar os alunos, pela educação para o cuidado e, neste caso, para comportamentos mais ecológicos. Educar para o cuidado com a terra, para o cuidado de todos os seres humanos é urgente. Cuidar a terra não é apenas importante para ela mesma, mas porque cuidando dela cuidamos do humano.

Todos os alunos têm em si mesmos dons e capacidades a desenvolver. Através da educação (*e*= exterior; *ducere*= conduzir para), como um ajudar a conduzir para fora de si, estes dons dever ser revelados e desenvolvidos para sua consolidação. Aqui se destaca o papel do docente que deve estar atento, para que este desenvolvimento se dê em cada aluno, visto que estes passam muito tempo da sua vida na escola. Para isso, é

¹⁵² *Carta da Terra: valores e princípios para um futuro sustentável*, http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf (Consultado a 27 de Abril de 2016).

¹⁵³ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 208.

necessário que a docência seja um espaço cuidador, acolhedor e hospitaleiro, onde o desenvolvimento mental e emocional dos alunos possa decorrer. O docente deve ajudar os alunos a perceberem que estes têm alguma coisa para oferecerem à sociedade, através da prática dos verdadeiros valores. Um destes valores poderá ser, sem dúvida a Ecologia e, associados a ela, todos os outros. É possível ensinar cada um a cuidar de todos os que o rodeiam, seja na escola ou em qualquer outra circunstância. Neste acolhimento, deverão ser valorizadas atitudes de respeito, solidariedade, paz, gratidão e então teremos “os novos céus e a nova terra, onde habite a justiça” (2 Pe 3, 13).

Cuidar é mais do que um *ato*; é uma *atitude*. Abrange, mais do que um momento de atenção ou de zelo. Representa uma *atitude*, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro. A atitude é uma fonte, gera muitos atos que expressam a atitude de fundo¹⁵⁴. Esta atitude que é o cuidado constitui no ser humano como que um modo-de-ser. Deste modo, o cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. O cuidado deve ser entendido na linha da essência humana. Deste modo, o ser humano é um ser de cuidado, e mais ainda, a sua essência encontra-se no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano

¹⁵⁵

Portanto, nós não *temos* cuidado. *Somos* cuidado. Isto significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos. Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a

¹⁵⁴ Cf. L. BOFF, *Saber cuidar, Ética do humano – compaixão pela terra*, Editora Vozes, 3ª edição, Petrópolis, 1999, 33.

¹⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 35.

pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude. O cuidado inclui, pois duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira diz respeito à atitude de desvelo, de solicitude e atenção para com o outro. A segunda, refere-se à preocupação e inquietação, pois a pessoa que tem cuidado sente-se envolvida e afetivamente ligada ao outro ¹⁵⁶.

Nesta perspectiva do cuidado, não vemos a natureza e tudo o que nela existe como simples objetos. Experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que remetem a uma Realidade Fontal. A natureza não é muda, ela fala e evoca; emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força. O ser humano poderá escutar e interpretar esses sinais. Coloca-se perto das coisas e a elas sente-se unido. Deste modo, a relação não é de domínio *sobre*, mas de con-vivência. Não é pura intervenção, mas inter-ação e comunhão.

Este modo de ser-no-mundo, na forma de cuidado, permite ao ser humano viver a experiência fundamental do valor, daquilo que tem importância e definitivamente conta. Não do valor utilitarista, só para seu uso, mas o valor intrínseco às coisas. A partir desse valor emerge a dimensão da alteridade, do respeito, da sacralidade, da reciprocidade e da complementaridade ¹⁵⁷.

Como cuidar da terra? Em primeiro lugar, há que considerar a terra como um todo vivo, no qual todas as partes se encontram interligadas e interdependentes. É principalmente cuidar da sua integridade e vitalidade. Cuidar da Terra é cuidar da sua beleza, de suas paisagens, do esplendor de suas florestas, do encanto de suas flores, da diversidade exuberante de seres vivos da fauna e flora.

Cuidar da Terra é cuidar da sua melhor produção que somos nós seres humanos, homens e mulheres especialmente os mais vulneráveis. Cuidar da Terra é cuidar daquilo que ela através da nossa inteligência produziu em culturas tão diversas, em línguas tão

¹⁵⁶ Cf. L. BOFF, *Saber cuidar, Ética do humano – compaixão pela terra*, 91-92.

¹⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 96.

numerosas, em arte, em ciência, em religião, em bens culturais especialmente em espiritualidade e religiosidade pelas quais nos damos conta da presença da Suprema Realidade que subjaz a todos os seres e nos carrega na palma da sua mão.

“Cuidar da Terra é, finalmente, cuidar do Sagrado que arde em nós e que nos convence de que é melhor abraçar o outro do que rejeitá-lo e que a vida vale mais que todas as riquezas deste mundo. Então ela será de facto a “Casa Comum do Ser”¹⁵⁸.

3. Educação e espiritualidade ecológicas

Neste ponto, iremos abordar a necessidade do cultivo de uma espiritualidade cristã da ecologia através da educação.

A natureza é uma fonte inesgotável de observações, de lições e de admiração. No entanto, reconhecemos na atualidade, uma ausência da experiência real da natureza, isto é, da proximidade e do toque, pois estes possibilitam a observação e conduzem à capacidade para interpretar a sua mensagem mais profunda. Na verdade, de uma maneira ou de outra, todos nós experimentamos a natureza, ainda que vivamos muito envolvidos no meio urbano¹⁵⁹. Deste modo, a natureza é a nossa linguagem primordial, é um manancial inesgotável de símbolos que explicam e situam-nos no cosmos. É a matriz primeira de toda a experiência, de toda a linguagem e de toda a simbólica.

Esta experiência da natureza que habita o nosso inconsciente constitui a experiência primordial e essencial. Porém, quando o regime ou o ritmo da vida não permitem senão experiências limitadas ou parcelares, a ousadia de uma certa vivência deve ser assumida. Uma reflexão sobre a natureza acabará por nos levar ao encontro da

¹⁵⁸ L. BOFF, “Como cuidar da nossa casa comum”, in *Jornal do Brasil*, <http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2015/08/23/como-cuidar-de-nossa-casa-comum/> (Consultado em 26 de Abril de 2016).

¹⁵⁹ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, 186.

nossa memória cósmica¹⁶⁰. Tudo isto permite ao ser humano descobrir-se a si mesmo, pois permite-lhe situar-se no espaço. Neste contexto, concretiza-se claramente uma experiência religiosa, no sentido que religa a uma transcendência e a uma profundidade de ser. Numa perspectiva cristã, tal experiência permite-nos comungar da plenitude da Criação, integrando-nos na comunidade criacional. Somos criados na mesma Palavra e filhos da mesma gratuidade: “Deus disse... e isto aconteceu”; somos ainda contemplados na mesma benção original: “e Deus viu que isto era bom” (Gn 1, 10-12-18-21-25).

Nesta perspectiva cristã, é essencial mencionarmos uma figura do século XII que tem manifestações de espetacular modernidade: São Francisco de Assis. Esta figura manifesta um profundo respeito e expressa uma desconcertante admiração pela natureza. A sua vivência diária concretiza-se num percurso de respeito por toda a Criação, que reconhece e proclama a autoria divina. Não se trata de um sentido ecológico de conceito moderno, mas de um sentimento profundo de existência integrada numa comunidade existente. A oração escrita por ele, o *Cântico das Criaturas*, hino de louvor ao Criador, destaca a simplicidade das referências aos elementos: boas, radiantes, preciosas e belas, humildes, alegres e fortes.

Porém, na sua época não se verificava uma crise ecológica com as dimensões que assume atualmente, a sua defesa da natureza veiculava a defesa dos pobres e humildes. No entanto, não há dúvida que a ternura que manifestava e concretizava, o seu respeito por todas as criaturas são referências constantes nos dias de hoje, em que a dignidade dos pobres é duramente afrontada.

¹⁶⁰ Cf. F. RODRIGUES, *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, 187.

Uma vez que estamos num contexto educativo, é essencial educar os alunos para uma espiritualidade ecológica, iluminados, sem dúvida, pela figura de São Francisco de Assis. Os jovens têm necessidade de saber que podem conduzir na sociedade uma ação digna de interesse, que podem influir sobre a realidade, sobre o mundo onde vivem¹⁶¹. Eles precisam de saber que têm uma palavra a dizer. Têm necessidade de um quadro para adquirir a experiência requerida a fim de estudar o seu ambiente, de nele refletir e de agir sobre ele. É, acima de tudo, necessário procurar, por detrás da normalidade quotidiana, opções eticamente aceitáveis que desemboquem em ações refletidas. As escolas têm um importante papel aqui, na medida em que devem fornecer aos jovens um quadro que os convide a tomar iniciativas, a contar com eles próprios, a comportar-se segundo um sistema de valores estabelecidos¹⁶².

Tal como afirma o Papa Francisco, os jovens têm em si mesmos uma sensibilidade ecológica e um espírito generoso¹⁶³, mas o contexto de crise ecológica e cultural que vivemos, torna-se, por isso, um grande desafio educativo.

A educação para a ecologia tende a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus¹⁶⁴. A educação ecológica deveria predispor-nos para dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo¹⁶⁵. Se os educadores tiverem em conta este aspeto, ajudarão certamente os alunos a crescerem na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão. Torna-se muito importante o dever de cuidar da criação com pequenas

¹⁶¹ Cf. ORGANIZAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO, *A Ecologia e a Escola*, Rio Tinto, 1.ª ed., Asa, 1992, Col. Horizontes da Didática, 12.

¹⁶² Cf. *Ibidem*, 13.

¹⁶³ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 2019.

¹⁶⁴ A este propósito ver Portefólio da PES, Anexo 37, Aula 22.

¹⁶⁵ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 210.

ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas, até dar a forma de um estilo de vida.

São vários os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, entre outros. Uma boa educação escolar pode produzir bons frutos para toda a vida. Mas é importante o papel da família neste itinerário, pois ela é o lugar da formação integral onde se desenvolvem os aspetos para o amadurecimento pessoal e comunitário.

O Papa Francisco fala-nos de uma “conversão ecológica”¹⁶⁶ e esta conversão implica gratidão e gratuidade, isto é, implica um reconhecimento do mundo como dom recebido e que provoca no ser humano disposições gratuitas de gestos generosos. Implica também a consciência de que não estamos separados das outras criaturas.

A sobriedade e a humildade não gozam de positiva consideração nos nossos dias. É preciso ter a coragem de falar na integridade da vida humana, na necessidade de incentivar e conjugar todos os grandes valores¹⁶⁷. Cada educador deve ajudar os alunos na sua capacidade de admiração que leva à profundidade de vida e em atitudes de respeito para com a natureza e as pessoas.

É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com todos, que vale a pena ser bons e honestos¹⁶⁸. Uma ecologia integral é feita também de pequenos gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência¹⁶⁹.

¹⁶⁶ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 216-221.

¹⁶⁷ Cf. *Ibidem*, nº 224.

¹⁶⁸ Cf. *Ibidem*, nº 229.

¹⁶⁹ Cf. *Ibidem*, nº 230.

4. O contributo de EMRC para uma Ecologia Integral

Pedagogicamente, devemos perceber a vivência da atitude ecológica como *valor* que comporta outros *valores*, por isso a Unidade Letiva da qual partiu esta investigação é denominada “Ecologia e Valores”. Precisamente porque os valores são o fundamento e a grande preocupação da educação, a ecologia está associada a valores como a gratidão, o cuidado, respeito, a responsabilidade e a fraternidade. É nesta perspetiva, que a disciplina de EMRC se funda na transmissão dos valores, particularmente nesta Unidade Letiva.

Como já referimos nas páginas anteriores, o tema da ecologia tem sido objeto de crescentes debates e discussões na sociedade, constituindo motivo de preocupação para consciências despertas para com a *oikos*, a nossa “Casa Comum”. Não só na disciplina de EMRC, mas os diferentes domínios do saber têm revelado preocupações, alertando para os direitos e deveres de todos a nível mundial, de forma a preservar e proteger a integridade do ecossistema terrestre¹⁷⁰.

O próprio campo educativo tem a possibilidade de se assumir como espaço físico e humano que propicia para uma formação da educação ambiental, de forma a evitar problemas ambientais. Deste modo, o contributo da escola é contribuir para a formação do carácter do aluno que o leve a tomar atitudes benéficas para todos.

A disciplina de EMRC, assumindo a perspetiva da formação integral dos alunos, tem como objetivo desafiá-los na descoberta e encontro do transcendente na vida pessoal e social, no cumprimento do dever com a abertura de novos horizontes, à maturidade moral e aqui está subjacente a educação ambiental e integral. Isto também é um desafio para os professores, convidando-os a enriquecerem os programas existentes, testemunhando a dádiva do Amor e da Criação, apresentando-se aos alunos e a toda a

¹⁷⁰ Cf. A. G. SILVA, “A ecologia na Educação Moral” in *Forum de EMRC*, Lisboa, SNEC (2005), 192.

comunidade educativa como guias, conselheiros e amigos, contribuindo assim, para uma forte e verdadeira educação ambiental¹⁷¹. É urgente na educação formar para os valores do cuidado de todos e é neste sentido que a educação ambiental se insere, isto é, na perspectiva do cuidado pelos outros.

Cada vez se reconhece uma maior preocupação pedagógica pela necessidade de consciencializar as pessoas para a importância das relações entre os seres vivos e entre os seres humanos. Para isso, já em 1992, através do Conselho de Ministros da Educação da Comissão Europeia, há uma resolução de promover a melhoria da qualidade de vida pretendendo que todos os Programas de ensino desenvolvem objetivos ambientais de forma interdisciplinar, insistindo também na formação dos docentes a respeito deste tema¹⁷².

A melhor forma de solucionar os problemas ambientais é evitá-los, por isso é necessária uma sucessiva consciencialização ecológica que desafie o próprio campo educativo, através de programas formais e informais, dos seus currículos e instituições. O desafio é que o Ambiente se torne como a escola, um lugar onde se aprende e se tenha gosto em aprender, onde a interdependência e a solidariedade constituem valores essenciais, apoiados pela iniciativa e a responsabilidade, desenvolvendo novas competências nos estudantes¹⁷³.

Devido à importância deste tema na nossa sociedade atual, torna-se necessário investir nele através dos currículos presentes no ensino básico e secundário, através de uma nova forma de educação e da própria maneira de ver os acontecimentos, para que se desenvolva uma cultura que dê lugar à paz e ao progresso. E neste trabalho, os estudantes revelam uma grande sensibilização e dedicação pela temática do ambiente, aplicando-se com mais empenho e persistência no analisar desta realidade.

¹⁷¹ Cf. A. G. SILVA, “A ecologia na Educação Moral”, 199-200.

¹⁷² Cf. *Ibidem*, 192.

¹⁷³ Cf. *Ibidem*, 194.

Na escola aberta aos valores, a Educação Ambiental e Integral produz uma nova relação dos alunos com a vida prática, sobretudo para que estes na saída do ensino básico possam enfrentar as várias situações da vida, sabendo ter iniciativas, refletir por si próprios, tomar decisões e assumir responsabilidades.

Em relação ao Cristianismo têm-se revelado preocupações no sentido da sensibilização humana para os valores da Criação e para a responsabilidade de todos no uso dos recursos ao serviço de todos. Deste modo, o cristão cumpre, a respeito do meio ambiente, um dever de religiosidade. Além do Cristianismo, muitas outras Religiões se têm debruçado pela defesa do meio natural, como por exemplo, o Budismo, o Islamismo e o Taoísmo, pelo que o domínio do transcendente presente em cada uma delas constitui-se como o importante suporte ético. Cabe, pois, à pessoa e de uma forma mais particular ao crente refletir nas próprias ações em relação à natureza.

A disciplina de EMRC ao contribuir para a formação de crianças e jovens, numa perspetiva ecológica, considera que não é suficiente que a formação seja apenas transmissão de conceitos ou reflexão de valores. Por isso, é fundamental, como nos diz Aida Guerra que a partir da construção de valores, o jovem desenvolva a apetência pela criação de hábitos e atitudes que desafie a formação religiosa, cultural, moral e cívica, também na vertente da educação ambiental, em todos os níveis de ensino¹⁷⁴.

Através dos jovens, se prepararão outros jovens no sentido de uma responsabilidade ecológica, como também farão eco desta responsabilidade junto da população adulta, a fim de alterarem comportamentos ambientais desadequados.

Nas metas apresentadas no Programa de EMRC na Unidade Letiva Ecologia e Valores, as abordagens, aplicações e a participação em projetos neste domínio contribuem para o cumprimento dos objetivos fundamentais de capacitação do aluno, para:

¹⁷⁴ Cf. A. G. SILVA, “A ecologia na Educação Moral”, 197.

1. Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus;
2. Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza;
3. Conhecer a perspectiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus;
4. Reconhecer o contributo do Cristianismo no cuidado da natureza¹⁷⁵.

No ensino religioso escolar, a componente ambiental encontra-se presente nos objetivos do Programa, nos manuais escolares e na prática dos docentes. Assim, a participação nos projetos curriculares da escola torna-se mais desafiante e válida. Como já foi referido anteriormente, o Programa de EMRC revela princípios básicos da vertente ambiental em todos os ciclos. A validade deste tema traduz-se em momentos diferentes de acordo com a abordagem dos conteúdos. O recurso a atividades lúdicas, recorrendo à imaginação e à criatividade contribui para a legitimidade das vivências ambientais. Assim, de uma forma divertida, os alunos jogando, aprendem a apreciar, valorizar e celebrar a natureza.

¹⁷⁵ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, 92.

Conclusão

O cuidado da “Casa Comum”: o *Contributo de EMRC para uma responsabilidade ecológica* é um trabalho que se centrou na reflexão e no contributo da Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco, precisamente porque este tema da ecologia é atual e motivo de consequentes debates na sociedade, a própria Encíclica faz referência que para solucionar muitos problemas a nível ecológico, a solução passa por uma aplicação do conceito de Ecologia Integral, para assim procurar uma solução integral para esses mesmos problemas. Para solucionar o desequilíbrio e o desrespeito que assistimos em relação à natureza, é necessário irmos à raiz do próprio problema, que muitas vezes está no desrespeito pelas pessoas, sobretudo as mais vulneráveis. Neste aspeto, o Papa Francisco, na sua Encíclica dá-nos uma novidade: é necessário, a par do respeito pela natureza, a necessidade de uma Ecologia Integral que envolva outras áreas do saber no combate aos desequilíbrios ecológicos.

O próprio conceito que está por detrás da Ecologia Integral é o conceito de cuidado. O cuidado exige uma vida pautada por princípios e valores. E esta conduta adquire-se com uma educação integral e humanizante. Sabemos que a educação não muda o mundo, mas muda as pessoas e estas mudam o mundo. A educação prepara as crianças, os adolescentes e os jovens, para que sejam autónomos, empreendedores e aptos para lutar por uma vida de qualidade, uma vida de cuidado.

A Ecologia Integral pressupõe uma educação que promova o desenvolvimento total da pessoa- espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, responsabilidade pessoal, espiritualidade, etc, em suma, requer uma educação integral.

A disciplina de EMRC oferece aos alunos uma visão positiva do mundo, alicerçada nos valores. A sua metodologia própria, assumindo a perspetiva integral da

formação dos jovens, desafia-os ao encontro do transcendente na vida pessoal e social, ao prazer do cumprimento do dever, à abertura de novos horizontes, à maturidade moral, subjacente também à educação ambiental. Assim, a disciplina de EMRC deve testemunhar a vivência ecológica como uma educação dos valores da gratidão, do cuidado, do respeito, da responsabilidade, da fraternidade que implicam uma atitude ética do ser humano perante a terra. Logo, é de todo pertinente ensinar o cuidado para a existência de comportamentos ecológicos, isto é, educar para o cuidado com a terra, o cuidado do ser humano e de tudo o que o rodeia. Como nos diz o Papa Francisco, é necessária a tão desejada união para cultivar e guardar a terra. Por isso, cuidar implica repensar o nosso estilo de vida que tem consequências quer na vida pessoal, quer na vida social.

Como vimos, no decurso desta investigação, o termo „dominai a terra“, posta na boca de Deus não constitui um acrescento à criação do ser humano; é uma forma de interpretar a missão do ser humano no lugar de primazia que ocupa entre os seres criados. Significa o empenho com que ele deve manter a ordem natural dos seres e torná-la mais harmoniosa ao serviço de todos. Tudo isto nos leva à categoria da responsabilidade no cuidado perante as realidades que nos envolvem.

A Igreja Católica começou a preocupar-se de forma clara pelo cuidado ecológico, testemunha disso é as mais variadas alocações, orais e escritas, feitas pelos Papas, Presbíteros e Fieis Leigos das diferentes Dioceses do mundo. Todos estes discursos são uma motivação para o cuidado integral da Criação.

No decurso do nosso trabalho, apresentamos a novidade da Encíclica *Laudato Si*, no cuidado da “Casa Comum”, e neste cuidado requer-se o conceito de Ecologia Integral, que integre tudo e todos na defesa do bem comum.

Podemos terminar, concluindo que cuidar é servir, é hospedar o outro no seu coração e, por sua vez, querer o seu bem estar. E, como São Francisco de Assis,

conseguiremos contemplar a natureza numa fé profunda de que Deus é o Criador, assumindo a fraternidade cósmica e universal, em que o ser humano é chamado a cuidar, cultivar e guardar a terra.

Bibliografia

SAGRADA ESCRITURA, Fátima: Difusora Bíblica, 3ª edição, 2001.

Documentos do Magistério da Igreja Católica:

BENTO XVI, *Mensagem para a celebração do dia mundial da paz em 2007. A pessoa humana, coração da paz* (Vaticano, 8 de Dezembro de 2006).

BENTO XVI, *Mensagem para celebração do dia mundial da paz. Se queres cultivar a paz, preserva a criação* (Vaticano, 8 de Dezembro de 2009).

BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. (29 de Junho de 2009).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “EMRC – Um valioso contributo para a formação da personalidade”, Carta Pastoral, in *Pastoral Catequética*, SNEC, nº 5 (2006), 7-16.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar na Escola. Documento do Magistério para a Educação*, Prior Velho, Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de Novembro de 2013).

FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato si'*. (24 de Maio de 2015).

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. (4 de Março de 1979).

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. (30 de Dezembro de 1987).

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Centesimus Annus* (1 de Maio de 1991).

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Evangelium Vitae*, (25 de Março de 1995).

PONTIFÍCIO CONSELHO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, São João do Estoril, Principia, 2005.

Fontes Curriculares

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*. Lisboa, SNEC, 2014.

Manual do aluno, 8º ano, *Quero descobrir*, Lisboa, SNEC, 2015.

Estudos:

ARENDS, R., *Aprender a ensinar*, Ed. Mcgraw Hill, 7ª Edição, Madrid, 2008.

BENAVENTE, A., “Portugal, 1995/2001: reflexos sobre democratização e qualidade na educação básica”, in *Revista Ibero Americana de Educación*, nº 27 (2001), 99-123.

BOFF, L., *Saber cuidar, Ética do humano – compaixão pela terra*, Editora Vozes, 3ª edição, Petrópolis, 1999.

CAMPOS, R., “O rap e o graffiti como dispositivos de reflexão identitária. o caso do bairro da Cova da Moura”, in *VII Congresso Português de Sociologia*, Faculdade de Sociologia e Ciências da Educação, Porto 2012.

DELORS, J., *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Brasília: UNESCO, 2010.

CUNHA, P., *Educação em Debate*, Universidade Católica Editora, 1997.

CUNHA, P., *Ética e Educação*, Universidade Católica Editora, 1996.

FERREIRA, M, J.,; CARVALHO, R., “Estratégias residenciais em áreas críticas urbanas: O caso do Bairro do Alto da Cova da Moura”, em *Lisboa*, in *Atas do 16º Congresso da APDR*, Universidade da Madeira, Funchal, 2010, 2290-2324.

GAFO, J., *Ética y ecología*, Universidad Pontificia de Comillas, Madrid, 1991.

GAFO, J. *Bioética Teológica*, Universidad Pontificia de Comillas, Madrid, 2003.

GODINHO, M.A. *Cova da Moura. Bairro “histórico” em evolução*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura Sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra, 2010.

GONÇALVES, J.C., “Globalização e Ecologia”, in *Communio*, Nº 4 (2000), 341-356.

KERKHOF, J., “Perspetivas ou tendências da educação na Europa”, in “O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do 3º milénio: VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar ”, coord. D. Thomaz Nunes e Juan Ambrosio, colecção Ensino Religioso Escolar, nº 2, Lisboa, SNEC, 1998, 75-83.

LOURENÇO, J., *Salmos: Oração do Povo de Deus*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005.

MARCOS, A, BOFF, L., *Globalização: Desafios socioeconómicos, éticos e educativos*, Editora Vozes, Brasil, 2002.

MENDES, L., “Urbanização clandestina e fragmentação socio-espacial urbana contemporânea: o Bairro da Cova da Moura na periferia de Lisboa”, in *Revista da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade do Porto* , Série II, Volume 2, Porto 2008, 57-82.

MESQUITA, M., *Cuidar da Terra: “Para a cultivar e guardar” (Gn 2, 15)*, Dissertação de Mestrado sob a orientação de Professor Doutor Armindo dos Santos Vaz e Mestre Juan Francisco Ambrósio, Lisboa, 2014.

ORGANIZAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO, *A Ecologia e a Escola*, Rio Tinto, 1.ª ed., Asa, 1992, Col. Horizontes da Didática.

RAMANATHAN, V., “Ecologia Integral, um olhar científico sobre o conceito”, in *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Edição Online, Nº 469 (2015), 29-31.

RAVASI, G., *Il libro deli Salmi. Commento e attualizzazione*, Edizioni Dehoniane, Bologna, 1986.

RITTL, C., “Laudato Si: a novidade que provoca e agita a agenda ambiental”, in *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Edição Online, Nº 469 (2015), 52-58.

RODRIGUES F., *Ecoética em construção: sobre a contribuição do Cristianismo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2008.

RODRIGUES, E, E., *Cova da Moura: por dentro e por fora*, Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, ramo Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, sob a orientação do Professor Doutor Luís Fernandes, Porto, 2009.

RUBIO, M., “Laudato Si”: Una teología de la creación en perspectiva ecológica”, in *Revista Moralia* 39 (2016), 89-117.

SANTOS, J., “O novo e o velho na Encíclica de Francisco”, in *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Edição Online, Nº 469 (2015), 116-120.

SHAEFER, J., “O despertar da consciência”, in *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Edição Online, Nº 469 (2015), 111-116.

SCHÖKEL, A. A., *Treinta Salmos, Poesia y Oración*, Ediciones Crisandad, Madrid, 1986.

SILVA, A. G., “A Ecologia na educação Moral”, in *Forum de EMRC*, Lisboa, SNEC, (2005), 191-200.

SOARES, M., “O que são Agrupamentos TEIP”, in *Ozarfaxinars, e-revista*, nº 22 (2010), 2-10.

VARANDA, I., “A Salvação Ecológica”, in *Cadernos ISTA*, Nº 11 (2001), 107-119.

VARANDA, I., “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus Criador”, in *Theologica*, 2, 38 (2003), 287-306.

VARANDA, I., “A ecologia como chave hermenêutica da criação e da evolução”, in *Theologica* 45, 2 (2010), 453-464.

VARANDA, I., “Laudato Si. «Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada»” (LS § 67), in *Semanário Ecclesia*, Nº 1485 (2015), 36-41.

VARANDAS, M., J., “Em busca do equilíbrio: Éticas ambientais”, in *Eborensia*, nº 41-42 (2008), 152.

VASCONCELOS, L., “Cova da Moura::uma experiência de intervenção sócio--territorial participada”, in *Infogeo*, Julho 2007,107-113.

VAZ, A., “Ecologia e criação à luz de Génesis 1”, in *Biblica* 49, nº 285 (2003), 35-40.

VAZ, A., “Origem da terra segundo a Bíblia- Mito e fé”, in *Biblica* 50 , nº 290 (2004), 36-42.

VAZ, A., *A arte de ler a Bíblia: Em louvor da «lectio divina»*. Fundação „Ajuda à Igreja que sofre“ e Edições Carmelo, 2ª edição, Lisboa- Marco de Canaveses, 2008.

WHITE, L., “Historical Roots of our ecologic crisis”, in *Science Magazine*, Vol 155 (1907), 1203-1207.

Webgrafia:

<http://www.publico.pt/ranking-das-escolas-2014/listas> (consultado em 14 de Novembro de 2015).

www.ine.pt (consultado em 20 de Outubro de 2015).

www.pordata.pt (consultado em 22 de Outubro de 2015).

BIANCHI, E., “Laudato si': o undécimo mandamento”. Artigo de Enzo Bianchi , *Jornal La República*, 22 Junho 2015, in <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543741-laudato-si-o-undecimo-mandamento-artigo-de-enzo-bianchi>.

BOFF, L., “Ecologia integral. A grande novidade da Laudato Si'. Nem a ONU produziu um texto desta natureza". Entrevista especial com Leonardo Boff, 18 Junho 2015, in

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/543662-ecologia-integral-a-grande-novidade-da-laudato-si-qnem-a-onu-produziu-um-texto-desta-natureza-entrevista-especial-com-leonardo-boff>

BOFF, L., “Como cuidar da nossa casa comum”, *Jornal do Brasil*, 23/08/2015, in <http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2015/08/23/como-cuidar-de-nossa-casa-comum/>

Carta da Terra in http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf

COSTA, G., “Tudo está em relação, tudo é conexo”. A 'Laudato Si' e a ecologia integral do Papa Francisco, *Rivista Aggioramenti Sociali*, 22 Junho 2015, in <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543753-tudo-esta-em-relacao-tudo-e-conexo-a-laudato-si-q-e-a-ecologia-integral-do-papa-francisco>

MORIN, E., “A Laudato Si” é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização”. Entrevista com Edgar Morin, *Journal La Croix*, 21 Junho 2015, in <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543811-a-laudato-si-e-talvez-o-ato-numero-1-de-um-apelo-para-uma-nova-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin>.

SIQUEIRA, J. C., “Laudato Si” e o resgate de uma relação integral entre Deus e a criação”. Entrevista especial com Josafá Carlos de Siqueira, 23 Junho 2015, in <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/543798-laudato-si-e-o-resgate-de-uma-relacao-integral-entre-deus-e-a-criacao-entrevista-especial-com-josafa-carlos-de-siqueira>.